

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
NÚMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

DITO E FEITO

Eça de Queiroz, numa carta a Oliveira Martins, perante a inquietação deste, fala-lhe da ditadura como remédio salvador—«um pensamento e um sabre», acentua com convicção. A's vezes, os médicos ouvem distraidamente os doentes que os consultam e receitam-lhes, ao acaso, remédios que lhes agravam o sofrimento. Claro: não são os bons médicos que assim procedem, mas uns tantos que levianamente se comportam, sem medirem as responsabilidades em que incorrem.

Conhecia Eça de Queiroz o «estado» do país para acêrca dele diagnosticar e receitar?

Oliveira Martins, espirito sereno e profundo, atravessava um periodo critico na sua vida, em que propendia para as visões sinistras, trágicas. Admittia sem se lhe alterar o pulso: 1.º—Que Portugal caminhava para o oco com um astro apagado e melancolico; 2.º—Que o povo português perdera a sua fé na Patria e que passara á condição de rebanho sem pastor, nem pastagem; 3.º—Que as timidas ovelhas—já eram poucas, ao que parece...—haviãam caído nas garras dos poderosos interesses criados e organizados em oligarquias; 4.º—Que a alma dos antepassados vagava, na noite imensa e nas naves da Batalha e dos Jeronimos; 5.º—Que tudo se finava num espantoso «dies-irae», entoadado pelos espectros de oito séculos de história.

Nas suas cartas, expeditas em várias direcções, o seu pessimismo acarvoava-se como o de um Exequiel encarregado de acordar os ecos das quebradas. Eça de Queiroz, ironista ex-

cepcional, mas também visionario, nas suas horas de tédio, sob a preocupação de que a catástrofe se avizinhava, não se conteve e respondeu ao seu amigo, que vaticinava febrilmente: —«Um pensamento e um sabre!».

Deve-se aos «Vencidos da Vida»—grupo selecto de intelectuais desiludidos e de elegantes fatigados—a doutrina do «poder pessoal» sugerida ao rei D. Carlos que se debatia na incerteza dum pálido constitucionalismo, emperrado em compadrios, vícios e rotinas.

Carecia realmente o país de ser governado, «à maneira forte», na abdicação total da sua vontade?

Esta pergunta, formulada tanta vez, nas horas crepusculares da vacillante duvida politica, alcançou várias respostas—umas afirmativas, negativas outras. Segundo um mestre, a ditadura para ser eficaz tem de proceder tão rapidamente que nem sequer se dê ao trabalho de justificar a sua presença.

Discute o padecente com o operador os metodos da sua cura?

Quando se trata de salvar quem se encontra em situação grave o bisturi obedece á mão do cirurgião que vai descobrir o mal no seu misterioso esconderijo. Os discursos não afloram aos labios. A tecnica supera a oratoria. A vitima ressurge do seu pesadelo. A normalidade da existencia resulta naturalmente da anormalidade do tratamento. Recobrada a saúde, o operador não diz envaidecido:

—«Se vives, a mim o deves! Tens obrigação de ver em mim o teu salvador».

Pelo contrario, limita-se a um prudente silencio feito de discrição e de modestia. Cabe ao operado proclamar a sua gratidão e tornar bem visível a sua homenagem ao mérito. Graças ao risco dum momento, volta a ser o homem que foi. Regosija-se com o arbitrio do seu destino, e redentor do seu cativo!

A onda de crime

no Estado de Nova York

NOVA YORK, 28.—A vaga de crimes já deu origem a tantas prisões que não há espaço nas cadeias. Foi cometido o 69.º assassinio em 77 dias. Edwin Lukas, presidente da Sociedade de Combate ao Crime, disse: «A criminalidade juvenil é tão grande que há falta de alojamento para os presos tanto na cidade como no Estado de Nova York».

O jornal «New York World Telegram» declara: «O numero de jovens delinquentes pela primeira vez que apparecem nos tribunais atingiu um ponto que constitue ameaça á sociedade em geral».—(R.).

A UNIVERSIDADE DE ATENAS

encerrada por disturbios

ATENAS, 28.—O ministro da Instrução mandou encerrar a Universidade de Atenas, temporariamente, em consequência dos disturbios que se produziram entre estudantes de credos politicos diferentes.—(R.).

A terceira guerra à vista

O embaixador Hurley é, decididamente, um homem que fala com clareza. Antes de abandonar, por divergencias com o Departamento de Estado, o posto que occupava em Chung-King, quis prevenir os seus compatriotas de que está á vista a terceira guerra mundial. A culpa dessa guerra

pertencerá, na opinião do embaixador Hurley, em grande parte á diplomacia americana que não sabe ajustar as suas realizações ao idealismo generoso que arrastou os Estados Unidos para a intervenção em duas temerosas conflagrações, as quais foram decididas pelo esforço do seu povo.

Em 1917 a Russia tinha sido eliminada da luta pela revolução bolchevista. Na terra de França, onde se decidiam os destinos da Europa e do Mundo, Clemenceau, atirado para o poder no meio da perturbação geral ordenava a repressão implacavel das primeiras «mutineries». A Grã-Bretanha, segundo o testemunho decisivo de Lloyd George, estava prestes a ajoelhar sob a vaga temerosa dos submarinos que Tirpitz lançara no Atlantico a partir de fevereiro. No seu Quartel General, Ludendorff preparava pacientemente o «knock-out» para a primavera seguinte.

Foi nessa hora sombria que a Ameri-

(Continua na 15.ª pag.)

A RÚSSIA E O MEDITERRÂNEO (2)

Ao pedir que lhe abram

tôdas as portas

a Rússia não deve fechar as suas

(Especial para o «Diário de Lisboa», por Maurice Pernot)

Passemos agora sobre as guerras russo-turcas, que tiveram todas como objectivo a saída livre para o Mediterraneo, sobre o tratado de Paris que, em 1856, neutralizou o mar Negro, e o tratado de Berlim, que manteve o encerramento dos Estreitos. Mencione-mos as duas tentativas, de Iswolski em Londres, em 1908, e de Tcharykov, em Constantinopla, em 1911, para conseguir a sua abertura, e chegamos á guerra de 1914. Logo que os cruzadores alemães «Goeben» e «Breslau», disfarçados de navios turcos, abriram as hostilidades no mar Negro, Nicolau II lançou um manifesto no qual declarava que a entrada da Turquia na guerra permitiria «resolver o problema historico legado pelos seus antepassados». No entanto, em dezembro de 1914, recusando perante as dificuldades que suscitaria a anexação de Constantinopla, os russos pareciam dever contentar-se com a posse das duas margens dos Estreitos. A capital otomana passaria a ser cidade livre e neutralizada. Mas, em fevereiro de 1915, sob a influência de alguns membros da Du-

ma, o governo do czar aumentou as suas pretensões e reclamou a anexação total do Bosforo dos Dardanelos e de Constantinopla. A Inglaterra e a França consentiram.

A revolução e a abdicação do czar, seguidas pela paz separada de Brest-Litovsk, vieram anular o efeito dessas promessas. O tratado de Sévres foi assinado sem a presença da Russia. O mesmo teria sucedido com o tratado de Lausanne se não fôsse a intervenção de Poincaré, o qual observou que os russos, apesar de tudo, tinham uma opinião a dar quando se tratava de fixar o estatuto dos Estreitos e do mar Negro. O governo de Moscovo esteve, portanto, representado em Lausanne e o seu delegado assinou o tratado de 24 de julho de 1923. A Junta Executiva dos Sovietes recusou-se, porém, a ratificar o tratado. Treze anos mais tarde, em Montreux, viu-se Tchitcherine apoiar as reivindicações da Turquia aliada da União Soviética, e ouviu-se Litvinov defender a tese tradicional

(Continua na pag. seguinte)

A anexação da Austria

o assassinio de Dolfuss

e a traição de Seiss Inquart

foram tratados hoje

no julgamento de Nuremberg



NUREMBERG, 28.—(De Charles Lynch, correspondente especial da Reuter).—A acusação deve apresentar hoje, perante o Tribunal Militar Internacional que julga os grandes criminosos de guerra alemães, a história da anexação da Austria, completamente documentada com ordens secretas, relatórios e minutas apreendidos nos arquivos nazis. Esses documentos serão apresentados pelo acusador adjunto americano, Sidney Alderman, esperando-se que a sua leitura tome a maior parte do dia.

Mais de 20 documentos secretos já estavam na sala do tribunal quando a sessão foi aberta ás 10 horas. Foi reforçado o serviço de vigilância. Ao fim da tarde, a acusação pode interromper esse assunto e exhibir filmes dos horrores dos campos de concentração, mas a magnitude do caso da Austria torna provável que esses filmes só sejam exibidos amanhã. Os filmes foram corridos ontem á noite perante os advogados de defesa.

A acção da «quinta coluna»

Sidney Alderman declarou que no caso da Austria «podemos observar as primeiras consequências daquilo que passou a chamar-se mais tarde a «quinta coluna». Tudo havia já sido preparado na Austria pelos nacionais-

As fotos antropométricas (frente e perfil), dos réus Seiss Inquart, Papen e Doenitz

(Continua na pag. central)

Os técnicos da B.B.C. estão descontentes com os ordenados

LONDRES, 23.—Empregados técnicos de valor da B. B. C. estão a ser contratados pelos estúdios cinematográficos, onde obterão o dobro dos ordenados que presentemente auferem naquela emissora. Neste numero de empregados estão incluídas pessoas de ambos os sexos. Existe um crescente descontentamento acerca dos pequenos salários pagos pela B. B. C., questão esta que será discutida em breve no Parlamento.—(U. P.).

A Rússia e o Mediterrâneo

(Continuação da pag. anterior)

da diplomacia russa: «Os Estreitos devem permanecer abertos aos Estados com costas no mar Negro e fechados a todos os demais».

As negociações russo-turcas

Esta tese não foi aprovada, mas o governo de Moscovo considerou-se satisfeito com uma convenção que entregava a chave dos Estreitos aos seus aliados turcos e que, em consequência, lhes garantia—pelo menos assim o pensava—a saída livre para o Mediterrâneo. Enquanto durasse a aliança entre Moscovo e Ankara, as esquadras soviéticas poderiam sair livremente do mar Negro e estaria assegurada a ligação entre Sebastopol e Vladivostok, assim como entre Kronshtadt e Sebastopol. O Mediterrâneo desempenharia emfim, em proveito dos russos, o seu papel essencial: graças a ele, os três mares que banham os territórios soviéticos—Báltico, mar Negro e oceano Pacífico—comunicariam entre si e não se repetiria a experiência dolorosa da guerra russo-japonesa, recordação sempre presente no espírito dos homens de Estado do Kremlin. A sua desilusão foi portanto mais profunda, quando, durante os últimos anos, viram os turcos fechar obstinadamente os Estreitos a eles e aos seus aliados anglo-americanos, impedindo estes de enviar à Rússia os abastecimentos indispensáveis a não ser pela via afastada e incerta do Médio-Oriente. A interpretação dada pelo governo de Ankara à convenção de Montreux era tanto mais contrária aos interesses soviéticos quanto era certo que nada podia impedir a Alemanha, de posse do Danúbio e dos portos búlgaros e romenos do mar Negro, de trazer para este mar vedetas rápidas e submarinos e de armar para a guerra os navios mercantes da Bulgária e da Romênia. E' sabido como esta frota improvisada apoiou o esforço das tropas do Reich e manteve em cheque as esquadras russas. Por isso, o primeiro

gesto de Moscovo, depois da vitória, foi denunciar a aliança com a Turquia e pedir a revisão do tratado de Montreux.

A Rússia na Comissão de Argel

A União Soviética tornou claramente conhecida a sua vontade de estar presente, em toda a parte, no Mediterrâneo. Desde o outono de 1943 que o governo de Moscovo tinha pedido e obtido das potências aliadas o direito de estar representado na Comissão do Mediterrâneo, constituída em Argel, para junto da qual enviou uma delegação numerosa chefiada por um dos seus diplomatas mais habéis, Wychinski. Todavia, a obra dessa comissão parece ter sido de tal modo restrita que a sua existência foi curta. O interesse e a importância que os russos atribuem à questão do canal de Suez não é mistério para ninguém. Levaram a peito tomar parte nas negociações que se realizaram em Paris de 10 a 13 de agosto último relativamente ao regime de Tanger e a delegação soviética, ao assinar a acta final da conferência, acompanhou a sua adesão com uma «declaração particular», formulando a reservas do seu governo acerca dos direitos da Espanha. No dia 13 de outubro, Chiborine, ministro da Rússia no Egipto, visitou a Palestina com alguns membros da legação, para estudar no local os problemas que dividem judeus e árabes. Finalmente, na Conferência de Londres, Molotov não ocultou que a União Soviética tinha designos relativamente à Tripolitânia. Desta maneira, quer se trate do leste ou do oeste, tudo quanto diz respeito ao Mediterrâneo interessa directamente o governo de Moscovo, o qual tem, portanto, uma política mediterrânea. Resta saber quais serão as modalidades e os meios de exercer essa política e como ela se poderá harmonizar com a das potências marginais e a da Grã-Bretanha e até mesmo a dos Estados Unidos.

A convenção de Montreux

No respeitante aos Estreitos, um co-

municado recente da agência Tass (14 outubro) tornou conhecido o ponto de vista de Moscovo. «Ficou decidido em Potsdam que a convenção de Montreux devia ser revista por ter cessado de corresponder às condições actuais; essa revisão será objecto de negociações directas entre cada uma das três partes interessadas e o governo turco». E' possível limitar a três o numero das partes interessadas? Não seria conveniente submeter-se o novo estatuto à aprovação de todas as potências que elaboraram e ratificaram o antigo? Foi este o princípio que prevaleceu para o estatuto de Tanger; será submetido dentro de seis meses ao exame e à sanção de todos os signatários da acta de Algeiras. Não se compreende por que razão o mesmo princípio não seria aplicado ao regime dos Estreitos, conforme propôs judiciosamente o governo de Ankara.

Seja como for, é de duvidar que a União Soviética queira retomar à sua conta o programa máximo exposto por Sazanov em 1915: anexação de Iztambul, do Bósforo e dos Dardanelos. A União encontraria a oposição irreductível dos governos britânico e americano, para não falarmos de outros. Por outro lado, é provável que os Soviéticos, invocando as necessidades da sua segurança, exigirão uma base naval e aérea no Mediterrâneo Oriental; essa base poderia ficar situada à entrada dos Dardanelos, por exemplo, na ilha de Leros, que os italianos tinham fortificado, ou a meio caminho entre os Estreitos e o canal de Suez—e a ilha de Rhodes corresponderia satisfatoriamente a essa condição. O sistema das suas comunicações com o Oriente ficaria completo com outra base no interior ou na proximidade do golfo Persico.

As colónias italianas

Como se sabe, a Conferência de Londres, embora decidisse aplicar o regime de curadoria às colónias italianas, reservou a questão de saber se essa curadoria seria colectiva ou individual, isto é, se seria exercida por um grupo de potências ou por uma só potência. O Egipto já apresentou a sua candidatura para a Cirenaica, sua vizinha. Sendo a Tunísia limitrofe da Tripolitânia, pareceria bastante natural que a França tomasse parte no conselho de tutela estabelecido para esta província. Tripoli está destinada a tornar-se uma base importante; todavia, o sistema de segurança colectiva prevista em San Francisco não exigirá que tais bases, em vez de dependerem de uma só potência, sejam postas à disposição de todas as Nações Unidas? Do conjunto das negociações realizadas e dos acordos firmados desde há meio século, revela-se uma tendência acentuada para a internacionalização das grandes vias de comunicação marítima. O Mediterrâneo é, sem contestação de qualquer espécie, uma dessas grandes vias, e, de modo algum, se poderá admitir que uma potência esteja em condições de impedir que as outras a usem livremente.

Um estatuto internacional para o Mediterrâneo, para as suas três portas—Gibraltar, os Estreitos e o canal de Suez—e para algumas das suas bases é coisa que se impõe ainda mais desde que os Estados Unidos descobriram que têm nesse mar interesses importantes. O governo de Washington tem dora-avante, uma política mediterrânea, determinada simultaneamente por factores económicos—grandes vias

aéreas, comércio com os países balcânicos, petróleo do Médio-Oriente—e por motivos espirituais—assistência às comunidades cristãs do Levante e protecção dos judeus da Palestina. Um Estado, quer fosse ou não marginal, que pretendesse exercer o domínio hegemónico, parcial ou total, sobre o Mediterrâneo, encontraria hoje uma oposição americana praticamente irreductível.

A França, cujas costas europeias e das suas possessões africanas são banhadas pelo Mediterrâneo, tem particular interesse em que este mar esteja largamente aberto a todas as nações do mundo. Vê, sem temor, a entrada da União Soviética no Mediterrâneo, sob condição de que esta, ao pedir que lhe abram todas as portas, não feche todas as suas.

MAURICE PERNOT

(Reservados todos os direitos de reprodução em Portugal pela Agência France-Presse e pelo «Diário de Lisboa».)

ESPELHO D'AGUA

GRANDE CASINO DE LISBOA

Realiza hoje, em colaboração com a REVISTA VOGA

Noite de Buenos Ayres

Uma festa de homenagem à colónia argentina em Lisboa, e a qual se digna assistir S. Excelencia o Senhor Encarregado de Negocios e Consul da Argentina.

«CANARO», o mago do Tango, organizou para esta noite um programa especial, que a sua famosa orquestra interpretará com a arte e o segredo que só ele possui.

«FREDLAINE», o atelier de alta costura, passará 4 modelos, um dos quais denominado «Argentina» e que foi confeccionado, expressamente para esta festa.



António Caricias



Ilda Silva

A's 21,30: Sessão de fados com os queridos artistas: Ilda Silva, António Caricias, Augusto Pereira, Emilia Ferreira, Ana Maria. Solos de guitarra por Casimiro Ramos. Acompanhamentos por Martinho de Assunção.

Baile no Instituto Superior de Agronomia

No próximo dia 30 realiza-se neste Instituto um baile de recepção aos novos alunos. Orquestra dirigida por José Puertas. Traje de «soirée». Pedidos de bilhetes para o telefone do Instituto, 81361.

ALUGAM-SE PIANOS

Custódio C. Pereira & C.
Rua do Carmo, 11 — Lisboa

Taylor's Port

Agente e distribuidor no Centro e Sul do País:

A. Serra Campos Ferreira
Rua António Maria Cardoso, 27 — Lisboa

Telef. 25049



E' um brandy, que quem quer que o prove ficará preferindo-o.

Vinho d'O Porto e Brandy

CORRÊA RIBEIRO

A' venda em toda a parte
Agente C. CALDERON DINIZ
Alameda D. Afonso Henriques, 76-A
Telefones 51764

erva
DO NATAL DE 1945
COMEÇA A SER
DISTRIBUIDA NO DIA
1 DE DEZEMBRO

Não esqueçam que os quatro primeiros prémios são, respectivamente, de

50, 20, 10 e 5
contos de réis

Aplicados em compras
à escolha dos premiados

12\$50. Pelo correio 13\$50

Pedidos à EDITORIAL, ORGANIZAÇÕES, LIMITADA
LARGO TRINDADE COELHO, 9, 2.º — LISBOA

Não se manda à cobrança

O director geral da Assistência responde

à carta que nos foi dirigida pelo sr. dr. Luiz Soeiro acêrca das deficiências da assistência hospitalar

«Sr. director do «Diário de Lisboa»:— Na carta do sr. dr. Luiz Navarro Soeiro, publicada no «Diário de Lisboa» de 23 do corrente, há dois pontos que necessitam de ser esclarecidos. Respeita o primeiro as afirmações relativas «à indesculpável indiferença ou passividade aparente ou real ante o problema da assistência, que só nestes dois últimos anos se descobriu que era verdadeiramente um problema angustioso e fundamental».

O segundo versa sobre a improcedência do argumento tirado do resultado de um concurso para assistente psiquiátrico do hospital Julio de Matos, para justificar a nomeação do chefe da secção asilar do mesmo hospital, porquanto os cargos de direcção e chefia são providos em psiquiátricas de reconhecido mérito e capacidade para o exercício das respectivas funções, independentemente de qualquer concurso.

Quanto ao primeiro ponto.

1—Assistência psiquiátrica

O sr. dr. Luiz Navarro Soeiro que, em entrevista concedida ao «Diário de Lisboa» no dia 1 do corrente mês, invocou a sua autoridade de psiquiatra, não pode ignorar que o número dos estabelecimentos hospitalares para internamento de loucos era de 6 em 1926, e actualmente de 13, e que a capacidade dos mesmos estabelecimentos é hoje superior em 300 por cento à de 1926.

Contudo, «a angustiosa falta de asilos e hospitais para loucos» já reconhecida muito antes de o sr. dr. Soeiro a apontar. Já no relatório do decreto de 11 de maio de 1911 se escreveram estas palavras: «Mas, quando mesmo supuséssemos exacta a cifra de 6.600 alienados no território português, nos não deixávamos de representar em matéria de assistência um deplorável e vergonhoso papel. De facto, reconhecendo os manicómios de Lisboa e Porto 1.200 doentes apenas, Portugal hospitalizaria menos uma quinta parte dos seus alienados, deixando as quatro restantes ao abandono, como causa de crimes inconscientes, de sobressaltos sociais e de progressiva degenerescência da raça. Este facto e sem precedentes, na história da civilização moderna».

E mais adiante diz ainda: «É preciso reparar a monstruosidade que a monarquia nos legou. A isso tende este decreto, que autoriza o governo da Republica a edificar sete novos manicómios e a criar dez colónias agrícolas para assistência de alienados incuráveis e válidos, ao mesmo tempo que regula técnica e administrativamente este abandonado serviço publico».

Apenas, e apesar do referido diploma manter, como receitas privativas dos manicómios e colónias agrícolas, o fundo de beneficência publica dos alienados, criado pela lei de 4 de junho de 1899, nenhum dos estabelecimentos nele previstos foi construído, nem melhorou a assistência dos doentes mentais no período de 1911 a 1926.

Iniciou-se, é certo, a construção do Manicómio Julio de Matos, sendo as respectivas obras dirigidas com tal desatino administrativo, que o próprio Julio de Matos, a pessoa mais interessada no acabamento do hospital, desalentado com o que via, por mais de uma vez reclamou a suspensão das obras. E se estas não acabaram de todo, a verdade é que, como escreveu o professor Flores, a verba que lhes era destinada passou a ser tão diminuta que ainda hoje, a manter-se o mesmo ritmo, estaria longe do seu termo. A segunda fase da construção do hospital, iniciada em 1933, executou-se em condições bem diversas das verificadas na primeira. A lotação prevista de 80 camas passou para 1.300, além de outros e importantes melhoramentos.

Com a abertura do hospital Julio de Matos, do Manicómio Sena e do hospital de Sobral Cid deu-se um passo decisivo na assistência aos loucos em Portugal, assistência esta que é completada pela acção profiláctica exercida através dos dispensários e consultas externas. A verba despendida pelo Estado no corrente ano com a assistência a alienados excede em mais de 1.000 por cento a gasta com o mesmo fim em 1926.

2—Assistência á maternidade

O dr. Soeiro, que a devia ter frequentado como estudante, não desconhece certamente que em 1926, em Lisboa, a assistência a gestantes ou parturientes era exercida apenas na enfermaria de Santa Bárbara, «arrumada á força numa quasi mansarda» do hospital de S. José, com capacidade para 50 camas.

Em 1931 abriu-se a Maternidade de Magalhães Coutinho, em 1932 a Maternidade Dr. Alfredo da Costa e em 1938, no Porto, a Maternidade de Julio Dinis. Ainda no mesmo ano foram melhoradas as instalações da enfermaria de Santa Bárbara, que passou á categoria de uma pequena maternidade. O numero de camas das maternidades a cargo do Estado passou de 50 em 1926 para 505 em 1944. A importancia a despendido pelo Estado com a assistência á maternidade e á primeira infancia monta, no ano corrente, a 10.227 contos, sendo vinte vezes superior á despendida com o mesmo fim em 1926.

Para não alongar esta informação não nos referiremos á criação do Instituto Maternal e á sua acção, á assistência médico-social, á

maternidade e á primeira infancia que vem sendo prestada pelas juntas de provincia, misericórdias, casas do povo e dos pescadores, centros de assistência social e materno-infantil, dispensários, postos de consulta pré-natal e «post»-natal, creches e abrigos dos pequeninos, modalidades estas quasi inexistentes em 1926, e de que actualmente beneficiam muitos milhares de mães e de crianças.

3—Assistência á segunda infancia

Não só aumentou o numero de estabelecimentos destinados a prestar assistência aos menores nos casos de orfandade, abandono, incapacidade dos pais, ou insuficiência da economia familiar e dos menores assistidos, como também se melhorou a sua preparação intelectual e profissional. Só no que respeita á Casa Pia de Lisboa e aos institutos hoje integrados nesta instituição, o numero de assistidos passou de 1.903 para 2.896, o que corresponde ao aumento de 52 por cento.

Para amparar e auxiliar os valores existentes nas classes pobres concediam-se, em 1925, dez subsídios para estudo, sendo três em escolas de ensino técnico elementar, dois em liceus, um no ensino agrícola, um no Conservatório, um nas Belas Artes, um no Instituto Comercial e finalmente um na Universidade. Presentemente, o numero de bolsas de estudo concedidas pela referida instituição é de vinte e sete, respeitando sete a alunos da Universidade e escolas superiores, nove aos institutos médios, quatro ás escolas de ensino técnico elementar, quatro aos liceus, dois ao Conservatório e um á Escola do Magistério Primário. A estes numeros há que juntar 523 subsídios para educação concedidos a famílias pobres, contando-se entre os subsidiados 23 estudantes do ensino técnico e 14 do ensino liceal. A despesa com a Casa Pia, que em 1925 foi de 3.000 contos, subiu para cerca de 12.000 contos em 1944. A percentagem de aumento de ensino de anormais (surdos-mudos e anormais mentais) a cargo da Casa Pia e da Albergaria de Lisboa é de 14 por cento em relação a 1925. Se se tiver em conta a assistência prestada pelos Institutos António Augusto da Costa Ferreira e Instituto Médico Pedagógico «Condessa de Rivas», a percentagem tornar-se-á consideravelmente superior.

4—Assistencia aos tuberculosos

O numero de dispensários para a observação e tratamento, em regime ambulatorio, dos tuberculosos que era em 1926 de 7 (de 1905 a 1929 apenas se abriu um unico dispensário) é actualmente de 74.

Quanto aos sanatórios e casas de saúde destinadas ao internamento de tuberculosos, o seu numero passou de 5 em 1926, para 23 em 1945, com a capacidade de internamento de 752 doentes e 3.324, respectivamente. Criou-se ainda em 1927 a «Assistencia aos Funcionários Civis Tuberculosos», que assegura aos servidores do Estado, quando doentes o vencimento e o tratamento adequado. Trata-se de um benefício verdadeiramente excepcional. Em França, por exemplo, ao funcionario tuberculoso apenas é concedida uma licença para tratamento, correndo as despesas exclusivamente por sua conta. Desde a publicação desta lei, foram socorridos, e quasi todos por meio de internamento em sanatórios, 5.844 funcionários. Actualmente encontram-se internados por conta da Assistencia 467 e são assistidos em regime extra-sanatorial 364.

Nada disto existia em 1926.

O Sanatório de Abravizes (Viseu), a abrir no próximo mês de dezembro, e o Sanatório D. Manuel II, já quasi concluído, aumentam em mais 650 o numero de camas. A verba destinada pelo Estado á luta anti-tuberculosa passou de 2.030 contos em 1926 para 18.500 contos no corrente ano.

5—Assistencia aos cancerosos

O Instituto Português de Oncologia, além de um modelo serviço de consulta externa, dispõe de 76 camas para internamento de doentes, cifra que brevemente subirá para 326, quando

VIDA ARTISTICA

Na Sociedade Nacional de Belas Artes

Na Sociedade Nacional de Belas Artes, e promovida pelo Instituto Espanhol de Lisboa, foi hoje inaugurada uma exposição de quadros do pintor espanhol Lázaro Lozano e de esculturas do seu compatriota Juan Avalos. A interessante exposição, que estará patente ao publico até 5 do próximo mês de dezembro, das 14 ás 19 horas, faremos amanhã a merecida referência.

Exposição Fausto Sampaio

O brilhante pintor Fausto Sampaio, que regressou há pouco de uma viagem á India Portuguesa, inaugura no próximo dia 2, na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma notavel exposição de aspectos de Goa, Damão, Diu e Moçambique. Fausto Sampaio apresenta mais de cem quadros, todos eles de um alto interesse artistico, e muitos de documentação histórica.

concluídas as obras do hospital, já próximas do seu termo.

Com o Instituto Português de Oncologia despenderam-se no ano corrente, cerca de 3.000 contos, sem contar com as importancias gastas na construção do referido hospital.

6—Luta anti-sezonática

Em 1926 não existia qualquer serviço especialmente destinado á luta anti-sezonática e á assistência aos impaludados.

De 1931 a 1944 inscreveram-se nas estações, postos, dispensários e consultas ambulantes 416.012 indivíduos; fizeram-se 623.458 análises de sangue, das quais 382.897 com resultado positivo. As observações e tratamentos efectuados montaram, respectivamente, a 679.876 e 415.665. O consumo de medicamentos durante este período foi de:

Quinina	1.650 quilos
Ateberina	120 »
Plasmoquinina	4 »
Quinoplasmina	45 »
Vitaquina	600.000 comprimidos

Além destes medicamentos, applicaram-se largamente varias injeções de quinina, ateberrina, neostibosam, extractos hepáticos e ainda outros, tais como preparados de fígado, vitaminas, etc.

Os resultados da luta anti-malária devera-se, em grande parte, á preparação do pessoal. Assim, além dos dois bolsiros com o curso de malariologia da Sociedade das Nações (Hamburgo, Jugoslavia e Itália) a quem foi cometido o encargo de dirigirem os serviços de luta contra a malária em Portugal, receberam a sua preparação especial: 6 bolsiros com o curso de malariologia da Sociedade das Nações (Paris, Jugoslavia e Itália) e 4 com o curso de malariologia de Roma. No Instituto de Malariologia de Aguas de Moura têm funcionado, com bom aproveitamento, cursos de preparação para médicos, visitantes e analistas dos serviços anti-sezonáticos. Estes serviços custaram, de 1931 a 1944, 11.200 contos.

7—Hospitais

A percentagem de camas por 10.000 habitantes, que era em 1926 de 10, já se eleva actualmente a 24. Em vez de 6.500 camas de que dispunhamos em 1926, temos hoje 18.725. Os Hospitais Civis de Lisboa, que o sr. dr. Soeiro conhece, hospitalizaram em 1925/26 21.895 doentes, numero que em 1944 subiu para 38.699. As consultas externas nos referidos anos foram, respectivamente, de 310.378 e 898.181. As intervenções cirurgicas foram no mesmo período, de 5.949 e 34.494. A importancia despendida com os Hospitais Civis, de 16.939 contos em 1925/26 passou a 49.800 contos em 1944. Como o indice de morbilidade não aumentou, a percentagem relativa ao acréscimo do numero de hospitalizados, de consultas e operações cirurgicas corresponde a uma maior extensão dos serviços de assistência.

A melhoria destes demonstra-se ainda pelo aumento do numero de laboratórios de análises (2 em 1926; 6 em 1944) e pelas instalações de Raios X de que existiam 6 em 1944, ao passo que em 1926, a unica aparelhada não estava em condições de funcionamento. A capacidade de internamento em 1926 era de 3.300 doentes; encontram-se internados actualmente cerca de 4.800.

No que respeita propriamente á edificação de hospitais, foi aprovado em 1939 o décimo segundo anti-projecto do Hospital Escolar de Lisboa, já em estado adiantado de realização, e iniciou-se em 1943 a construção do Hospital Escolar do Porto, cujas obras prosseguem em ritmo acelerado.

Os referidos hospitais, planeados de harmonia com os mais modernos preceitos da técnica, contar-se-ão entre os melhores do mundo; o seu custo excederá 200 mil contos, e terão as instalações necessárias para nelles funcionarem os serviços das Faculdades de Medicina, e a lotação de 1.500 e 1.000 camas, respectivamente. Estão em via de conclusão as obras da grande Leprosaria de Rovisco Pais, em Coimbra.

Além destes hospitais, estão em curso os trabalhos destinados a melhorar as instalações do hospital de S. José, tendo o Estado contribuído com as participações solicitadas para obras nos hospitais e estabelecimentos de assistência a cargo das misericórdias, e de outros estabelecimentos de assistência.

Resumindo: as despesas gerais do Estado com a manutenção dos serviços officiais de assistência, que foi em 1926 de 23.907.215\$44, subiu no corrente ano a 144.851.237\$97, o que equivale a um aumento superior a 600 por cento.

Um concurso hospitalar

Quanto ao segundo ponto:

8) O artigo 35.º do decreto n.º 34.502, de 18 de abril do corrente ano, dispõe, é certo, que os directores dos centros e dos estabelecimentos e, bem assim, o chefe de serviço médico são nomeados pelo ministro do Interior de entre os psiquiatras de reconhecido mérito e capacidade para o exercício das respectivas funções.

Desconhecemos a craveira pela qual o sr. dr. Soeiro afere o mérito e a capacidade dos psiquiatras. Na falta de outro esboço, parece-nos

que aquêles devem avaliar-se por um conjunto de factores tais como: numero e valor dos trabalhos publicados, tempo e qualidade do serviço prestado, classificações universitárias e obtidas em concursos a que porventura tenham sido submetidos.

Na verdade, se estes se destinam a graduar em mérito relativo os concorrentes e a estabelecer entre eles uma ordem de preferência, não nos parece que o licenciado Polónio, classificado em primeiro lugar num concurso para médico psiquiatra, tenha mérito e capacidade inferiores aos do licenciado Soeiro, o terceiro na ordem de classificação.

No que respeita aos Drs. Fernando Ilharco e Manuel de Almeida Amaral, directores do Centro de Assistência Psiquiátrica da Zona Sul e do Asilo de Miguel Bombarda, os respectivos *curricula vitae* não admitem confronto com o do licenciado Soeiro.

O dr. Ilharco trabalha em psiquiatria desde 1923; e, tendo sido proposto como assistente voluntário da clinica psiquiátrica da Faculdade de Medicina, em janeiro de 1924, foi nomeado, em 1925, após concurso assistente efectivo da mesma cadeira.

Reconduzido durante 16 anos só abandonou o lugar em fevereiro de 1943, por não lhe ser permitida a acumulação com as funções de chefe de serviços no Hospital de Julio de Matos.

A sua tese de doutoramento, que defendeu em 1926 e foi classificada com 19 valores, versou sobre a contribuição para o conhecimento do estado do sistema neurovegetativo em diversos estados psicopáticos.

Entre outros, publicou os seguintes trabalhos: *Lições de Psiquiatria, Alcoolismo, Os Estudos Italianos de Morfologia Humana* (da Antropologia criminal de Lombroso á Biotipologia de Pende) e o *Parer sobre a época de incapacidade por demência*.

Quanto ao dr. Almeida Amaral que trabalha em psiquiatria desde 1926, foi aprovado por unanimidade em concurso de provas publicas para obção de titulo académico de «doutor», defendendo a tese—«Terapeutica cirurgica das doenças mentais». Publicou mais dez trabalhos em revistas científicas e profissionais, sendo um deles o primeiro publicado em Portugal sobre «Terapeutica pelo electrochoque na psiquiatria». Um desses, «Modernos processos de selecção psicologica», mereceu a honra da tradução em outro idioma.

Exerceu as funções de assistente efectivo de psiquiatria na Faculdade de Medicina, mediante concurso realizado em 1927, de director clinico da Casa de Saúde da Idanha, da clinica de neuro-psiquiatria do Hospital de Marinha e do Gabinete de Estudos Psicológicos da Escola Naval. É official médico com a graduação de 1.º tenente-médico, nomeação precedida de concurso de provas publicas.

A forma como exerceu as funções de assistente efectivo de psiquiatria e de médico do Manicómio Bombarda é atestada em documento elogioso pelo dr. Sobral Cid.

O modo como desempenhou a sua actividade de especialista de neuro-psiquiatria no Hospital de Marinha, em 15 anos de serviço, está documentado em louvores dos directores desse hospital, alguns dos quais foram confirmados em despachos ministeriais que louvaram também a sua colaboração e interesse pelo serviço. Trabalhou em varias clinicas psiquiátricas de Espanha, França e Alemanha, sendo actualmente bolseiro do Instituto para Alta Cultura.

Tanto o dr. Ilharco como o dr. Amaral fazem parte da comissão especial de psiquiatria da Ordem dos Médicos e, nessa qualidade, intervieram na atribuição ao dr. Soeiro do titulo de especialista de psiquiatria.

O dr. Navarro Soeiro frequentou, desde 1938, como assistente voluntário, a clinica psiquiátrica da Faculdade de Medicina e exerce as funções de médico assistente no hospital de Julio de Matos desde 1942, mediante concurso em que ficou classificado em 3.º lugar.

De colaboração com o professor Barahona Fernandes e com o dr. Tavares de Sousa, publicou um trabalho com o titulo «Estudos Clinicos e Anatômicos sobre o delirio agudo».

Foi assistente do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, lugar provido por concurso de provas publicas.

O tempo de serviço prestado pelos Drs. Ilharco e Amaral na Assistência psiquiátrica e no exercício da clinica de psiquiatria é incomparavelmente superior ao do licenciado Soeiro, que tem desviado a sua atenção para actividades estranhas á psiquiatria.

Por ultimo, correndo pela Direcção Geral de Assistência o expediente relativo á nomeação do pessoal dos estabelecimentos iniciais de assistência, na mesma não deu entrada qualquer proposta ou indicação relativa á nomeação do dr. Soeiro para algum dos cargos referidos na sua carta, facto que não exclue a hipótese de terem sido feitas as sugestões e recomendações de natureza particular, habituais em casos idênticos.

Mas estando a nomeação condicionada ao mérito e capacidade dos médicos a nomear, a verdade é que nos aludidos cargos foram providos os mais aptos, e com mais experiencia adquirida, não só no exercicio efectivo de outras funções publicas, como ainda no exercicio da clinica da especialidade.

Pela publicação destas linhas se confessa muito grato o director geral da Assistência, Guilherme Possolo.

VIDA literária

O PRETO NO BRANCO

Diálogo com um colega

Um colega que muito preso, espírito curioso e culto, já como eu na idade da razão, dizia-me há dias o seguinte:

—Há, meu caro, uma única verdade absoluta—a qual vem a ser que tudo é relativo. Não julgue que me proponho com esta afirmação «posar» em filósofo ou homem de ciência. Eu instalo-me na minha confortável ignorância e declaro-me inteiramente estranho a essas coisas consideráveis e difíceis. O que me interessa na vida são, principalmente, as pequeninas observações cotidianas, os factos insignificantes. A vida é um rio, eu mergulho nele e vejo, encantado, o peixe miúdo e vivo, passar junto de mim. Limbo-me, assim, a ver e a ouvir—actividades fáceis de exercer por quem não for cego nem surdo. E contento-me com o que está próximo e ao meu alcance. O que está longe, pouco me interessa. Sou um sedentário. Não gosto de ir ter com as coisas. Bastam-me que elas venham ter comigo. Por mim nunca a América teria sido descoberta. Diante de um céu estrelado, contento-me com a sua contemplação, aceito as estrelas como lanterna mais ou menos brilhantes e não me interessa nada saber que elas me parecem assim pequenas porque estão longe. Acho que não me cumpre saber o verdadeiro tamanho das estrelas. Considero essa curiosidade inconveniente. O Criador quis que eu as visse assim e eu devo obedecer-lhe. O telescópio é uma falta de respeito, uma má criação cósmica. Os empresários de teatro dificultam o acesso à «Caixa», para que o público não se desentente vendo os cenários às avessas. Ora nós devemos aceitar os espectáculos tais como as empresas os fornecem. O Homem tem feito mal em construir uma ciência para além da sensação e do aparente. Daí terem-lhe chovido em cima os castigos bíblicos. Ora veja o colega se depois de Jehovah ter manifestado a sua vontade com aquilo da Torre de Babel há o direito de escrever dicionários e guias de conversação. É uma oposição directa à vontade divina! E estou bem acompanhado neste meu ponto de vista. O Comte considerava o microscópio uma bisbilhoteira inútil. Se ele, que era um bi-

RAMADA CURTO

(Continua na 11.ª pag.)

1.º CENTENÁRIO



Eça de Queiroz ou o romancista mais actual do século

OS NOSSOS CONTOS

ADEUS, RHAMA SITA!

por CONRADO SELVAGEM

Chove. Chuva mandada do céu em obliqua. Rhama Sita, armado e equipado, com o seu imponente turbante que tão bem lhe vai no rosto escuro e magnífico, tem um pé no empedrado da gare e outro no estribo do comboio que o vai levar para a guerra. Os seus olhos negros estão postos naquelas duas mulheres que lhe dizem adeus encostadas à corrente de ferro que separa os soldados que partem de quem se despede e fica. A mais nova é bela como um lírio e frágil como uma haste de arroz. A mais velha, curvada como uma palmeira ao vento, e encarquilhada como a casca de uma árvore milenária. A noiva e a mãe de Rhama Sita. O chefe da estação apita e o guarda responde-lhe, soprando naquela irritante gaita de metal amarelo. Teeeeceee!!! A máquina ronca, resfolega e arranca. Lança-se em direcção ao pequenino bosque que está mesmo na curva da linha férrea. Já não chove e há uma aragem fresca que faz esvoaçar os lençinhos brancos, vermelhos e amarelos dos que ficam na estação. Em todas as carruagens, às janelas, rompem as cabeças dos soldados que gritam frases soltas e estendem os braços para a gare que ficou lá longe. Rhama Sita está na plataforma da última carruagem. Tem os olhos fechados. Não grita frases soltas nem estende os braços. Dentro dos seus olhos está tudo como há bocado estava diante deles. A gare. A corrente de ferro que separa os soldados que partem de quem se despede e fica. A mãe. A noiva e os seus seios pequeninos que tantas vezes tivera na palma das mãos. Tudo. Tudo dentro dos olhos de Rhama Sita.

Rhama Sita está caído entre arbustos de folhas verdes, miudinhas. O seu imponente turbante ficou lá adiante, junto da espingarda abandonada que reflete ao sol. No entanto, o seu rosto escuro continua a ser magnífico, mesmo sem turbante. O vento sopra-lhe a barba e inunda-lhe os olhos de frescura. Pena que aquela impressão no peito cada vez esteja mais presente e o fio de sangue lhe faça cócegas no queixo e no pescoço. Mas, verdadeiramente, já não tem forças para o limpar. Depois, aquele sol! Sim, aquele sol incomodava-o bastante!

«As vacas, Rhama Sita, onde estão as tuas vacas?»
Que sabia! Sim, que sabia Rhama Sita, agora, das vacas? E eram bem bonitas; se eram! Uma branca, outras malhadas e uma, então, toda preta e com o focinho rosado! Francamente, tinha saudades das vacas! De as ver tosando a erva e caminhando com passos lentos para o estábulo. E era engraçado quando elas mugiam! Uuuuuuuuu!

«As vacas, Rhama Sita, onde estão as tuas vacas?»
Não sabia. Há muito tempo já que os seus dedos hábeis lhes não apertavam as tetas e se não molhavam de leite. Mas agora, tinha graça, sentia os dedos também molhados!

Ah, sim! O sangue!
Rhama Sita volve os olhos para a mata de bétulas que está defronte. Um pássaro sai de entre a folhagem, saltita até junto dele e começa a debicar-lhe a sola das botas. Rhama Sita sorri. Era atrevido, o bicho! Ou vidente?

O Na colecção Biblioteca de Rapazes: «O último Moicano», de Fenimore Cooper, admirável romance de aventuras que a juventude de ontem legou á de hoje, como um dos melhores temas de imaginação. Na Biblioteca das Raparigas: «Sem família», de Hecster Malot. Livraria Portuguesa.

«HELLO»

o filósofo do misticismo

Apresentado pelo ilustre jornalista Tomás Gamboa, editou-se agora um breve mas valioso volume sobre Hello, grande e quasi desconhecido pensador católico que, no seu refugio de Keroman, Bre'anha, ergueu a sua voz ás verdades eternas da moral, da consciencia e do espirito. A sua prosa flamejante como que se contrai de dor ao encarar o século, mas também que belas expressões ele descobre para guiar os cegos da vida mística, para lá das fronteiras do mal e da duvida. Hello não era, apenas, um apostolo, mas um profeta em cuja linguagem há aqueles acentos imortais que ecoam na Bíblia. Tomás Gamboa, num prefácio modelar, evoca essa estranha figura do século XIX, dando-nos depois os passos lapidários das suas obras «Le Siècle», «L'Homme», «Du Neant à Dieu», etc.

«VINDIMA»

Romance de Miguel Torga



Há alguma coisa de ácido, de corrosivo, na prosa veemente e exacerbada de Miguel Torga. Ela como que nos suplicia, atirando-nos á cara, ou fascinando-nos, a miséria da vida, a nudez dos instintos e as grandes rebeliões da consciencia. Há nela de novo como que um ultra-realismo carnal, que nos reporduz o individuo na sua quimica interna do fisico e do libido. A forma de Torga é de uma ferocidade que sangra. Mas não é a de um cinico. Tal dureza irmana-se com o sofrimento. O homem da «Criação do Mundo» e dos «Bichos», que se fez por si, fora de todos os templos literários, é, de facto, como já o dissémos, o escritor mais expressivo do nosso momento literário. O seu ultimo romance «Vindima», rude como a terra, da qual nós sentimos como que os gritos abafados e o rumor escabujante da torrente impetuosa do Douro, é alguma coisa de excepcionalmente dramático e humano. Sem paralelo, evidentemente, ele dá-nos o que há de doloroso nas vidas que se quebram, se estorcem, sob o peso dos cachos maturados, voluptuosamente, e a vindima dos sentidos das gentes, que nasceram da terra, com a mesma espontaneidade das arvores e das pedras.

No meio desse fresco, pintado de verdade, no qual há dorsos curvados de escravos de trabalho, mas onde o amor e a vida têm a beleza primaria dos gestos simples, destaca-se, como um simbolo, meia dúzia de figuras da cidade, de medula pôdre tocadas do vicio dos interesses para os quais a terra é, apenas paisagem, e o individuo produto infra-humano. Mas, enquanto os primeiros, no ciclo das fainas repetidas, como que saem vencedores, na sua humildade, que não é resignação; os segundos, como que se liquidam no veneno amargo das suas intrigas e paixões gangrenadas. «Vindima» atinge, de certa maneira, dentro do seu localismo, o que os melhores escritores americanos têm feito, realistas e poeticos, mas sobretudo, na procura de novos caminhos ao homem. Admirável um tipo de mulher que surge, no meio de «Vindima», figura de um ideal, cuja beleza aerea é tão próxima como distante. E ele a chama do pensamento, mas tão integrado dentro da vida, que o seu marmore de estátua palpita como carne.

«O neo-realismo»

por JAIME BRASIL

O moderno fenomeno literário mereceu a Jaime Brasil um daqueles seus estudos lapidários, em que a ideia, vasada numa forma correcta e clara, traça as novas coordenadas literárias do romance em Portugal. Jaime Brasil fixa os avatares do «Neo-Realismo» português, de certo modo, determinados pelos escritores brasileiros, que os hauriram, de resto, nos romancistas americanos, e não esquece Zola, fundador da escola mater, donde aquela, final se origina. Jaime Brasil com profunda densidade de pensamento critico e valor expositivo dá-nos como que um panorama critico-histórico dos valores da nova escola. Entre outros, cita, com muita justiça, Ferreira de Casto.

2 Na Colecção de Classicos Sá da Costa: «Cancioneiro da Ajuda», primeiro volume, com prefacio e notas do professor Marques Braga, e o II volume das «Decadas», de João de Barros, selecção prefacio e notas de Antonio Baião.

3 «Amores no Campo», da conhecida escritora Sarah Beirão. Desto romance publicou-se agora a sexta edição. Isto prova que o publico o recebeu com agrado, e continua a ler com interesse.

ROMANCE, POESIA E ENSAIO



CRÍTICA LITERÁRIA

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

por
João Pedro
de Andrade

Alves Redol: um escritor que se procura

A Editorial Inquérito deu-nos, em edição monumental, os três primeiros romances de Alves Redol, *Gaibéus*, *Marés* e *Avieiros*.

Vão surgindo, no nosso mercado livreiro, por influência de editoriais estrangeiras e, mais directamente, brasileiras, algumas iniciativas do género. Não creio que estas sejam sempre de alcance prático notável. O hábito antigo, tão razoável, de editar obras longas em vários tomos, parece ceder ante o gosto do monumental, característico da nossa época. No entanto, quando o ritmo acelerado da vida moderna nos obriga a aproveitarmos todos os momentos em que a atenção se conserva disponível, mesmo em viagens curtas ou esperas fortuitas, parece-me um tanto contraditória a publicação de volumes enormes, dificilmente transportáveis e impróprios para a leitura passageira que, por vezes, somos obrigados a fazer. Abro uma excepção para as obras poéticas (não falando, naturalmente, nas técnicas ou científicas), mais propícias a leitura repousada, além, de se candidatarem a vida mais longa em tomos maciços do que nas plaquettes «para raros apenas», de reduzida tiragem e de tão escasso número de páginas que o leitor vulgar, de ordinário menos inclinado a tal género, se retrai ante a esportula geralmente pouco em harmonia com as proporções miniaturais da obra. Neste sentido, as edições das obras poéticas de Alberto de Serpa e Casais Monteiro, levadas a efeito, precisamente pela Inquérito, representam uma consoladora compensação para um género há tanto abandonado pelos editores.

Os romances de Alves Redol, porém, não necessitam de tal divulgação. Embora a publicidade afirme que tais obras estão há muito esgotadas, o certo é que, antes desta edição conjunta, *Gaibéus* e *Avieiros* tinham atingido a terceira edição, e *Marés* ia na segunda.

Por outro lado, Alves Redol, apesar de fecundo, está longe de ter atingido aquele ponto de uma carreira em que o escritor, mesmo continuando a produzir, pode iniciar a edição das suas obras completas. Até hoje, Alves Redol deu-nos quatro romances. O volume a que me refiro inclui os três primeiros...

Surgido num momento em que se diferenciavam as duas últimas gerações de escritores, quando, na mais recente, tudo era impugnação e polémica, e as realizações tardavam em concretizar os pontos de vista defendidos, Alves Redol, equipado, melhor do que nenhum então, com qualidades e conhecimentos para pôr em prática as teorias em curso, beneficiou em parte da atmosfera quase ansiosa que rodeou o seu aparecimento.

Gaibéus foi, na verdade, uma bela estreia (pondo de parte a monografia duma aldeia ribatejana que o autor publicara antes). Estava-se no segundo ano da guerra, em plena efervescência dos grandes problemas sociais que o conflito projectava por todo o mundo, e a influência dos escritores da *Presença*, alargada enfim até ao grande público, favorecia, um pouco tardiamente, a eclosão dum romance de análise, com laivos de Proust e singularidades à Gide. Por outro lado, o romance brasileiro, e, em menor escala, o norte-americano, começavam a ser lidos entre nós. Se o romance brasileiro era já, em certos casos, uma redução do norte-americano, o novo romance português, se dominado por uma influência igualmente directa, ameaçava ser uma miniatura do brasileiro.

Deu-se isso, em parte, com *Gaibéus*. O seu lirismo e o seu humanitarismo aproximam este romance, excessivamente por vezes, das concepções literário-sociais dum Jorge Ama-

do ou dum Graciliano Ramos. A tradição do regionalismo português e os dotes próprios de observação do autor salvam-no da imitação pura. Enquanto Alves Redol vê o camponês e a tarefa que ele executa, nos dá os seus diálogos cheios de realidade e procura penetrar no íntimo das suas preocupações, as páginas que escreve são pessoais e *Gaibéus* surge-nos, mais do que uma esperança, uma consoladora realidade. Mas quando se lembra das sugestões colhidas em leituras recentes, transportando para o Ribatejo símbolos do nordeste brasileiro e oferecendo-nos o contraste do patrão e do trabalhador duma forma que evoca a sátira do S. Bernardo, de Graciliano, situando-se, no entanto, a enorme distancia dela, o seu lirismo parece-nos gratuito e o seu humanitarismo resulta simplista.

O grande mérito deste livro está na novidade—aliás sem consequências, mesmo na obra posterior do autor—de pretender dar-nos o romance sem personagens, com uma grande personagem colectiva, o rancho de *Gaibéus* movendo-se e pensando, aspirando e sofrendo. Toda a primeira metade, mau grado a exaltação lírica, é equilibrada, e muitas vezes admirável. O *ceifeiro rebelde*, o Francisco Descalço, a Rosa, a mãe doente, a Ti Maria do Rosário, são manifestações atenuadas de individualismo, que mal se destacam da grande massa amorfa. O estilo dá-nos por vezes com extraordinária mobilidade a descrição da faina da pequena multidão, e quando se atarda na descrição da imaginativa sem horizontes dos humildes heróis, nos seus receios e esperanças, sabe, quase sempre, escolher os tons certos em que há-de projectá-los.

Mas Alves Redol não é autor que se contente em sugerir. Precisa de demonstração completa. E aqui lhe falta o pulso. A Rosa, ao tornar-se a amásia de Agostinho Serra, teme já a prostituição—o que acusa excesso de consciência na pobre rapariga ignorante do mundo. O Serra é o cínico de profissão, e o Descalço segue-lhe as pisadas. Os pequenos *Gaibéus* são também estranhamente conscientes dos seus males, e um deles, que será mais tarde o Nove, tira duma frase vulgar, usada nas brincadeiras de rapazes, profundas e duradouras conclusões, que o levarão a escolher a alcunha. As desigualdades sociais surgem com um relevo que não deixa nada à imaginação do leitor.

Além disso, é nesta parte do livro que as influências brasileiras se fazem sentir mais fortemente. Sonha a Rosa com a rua Pedro Dias—ou do Siriry—e é da estirpe brasileira dos Jorge Amado e dos Amando Fontes. O Agostinho Serra é todo convencional, e não atinge a craveira dum senhor de engenho, mesmo trasladado para português. Os pequenos *Gaibéus* e *razeiros* vieram da cidade da Baía e perderam-se numa pequena praia portuguesa. E o pai do Cadete foi cangaceiro no Ribatejo, e depois de morto brilha no setestrela, tendo já o seu A B C no romance do camponês.

Apesar disso, as páginas em que o autor descreve o que observou, sem a intromissão de presenças estranhas, vão desde o início até à desolada despedida final, e são admiráveis.

Gaibéus é uma longa crónica, com afloramentos poéticos e frementes anseios de justiça social. Mas o romance português estava em fase de viragem, e o autor de *Gaibéus*, único ainda então revelado da nova falange, perscrutava ansiosamente, entre os vários caminhos, o seu caminho. Desta rebusca surgiu *Marés*, publicado no ano seguinte.

Se *Marés* aliasse a linha do enredo um estilo

regular, se fôsse escrito com mais largueza, se certas ideias preconcebidas não tivessem desviado o intuito simples do autor, ou se a essas ideias ele tivesse sido capaz de dar toda a amplitude, estaria aqui o seu melhor romance. Em todo o caso, sendo, infelizmente, o seu livro mais mal escrito, é o único dos que publicou com o dístico de *romance* que mantem, de princípio a fim, uma linha evolutiva de acontecimentos que o estrutura como tal. E é também aquele em que os antagonismos sociais não prejudicam, pela insistência ou pela ingenuidade da exposição, a qualidade literária da obra. O estilo, quase sempre talhado em períodos curtos, mas procurando dar, através deles, os sobressaltos e as ansiedades duma alma, é, no entanto, pretencioso e concentra as piores tendências da prosa de *Gaibéus*. O processo é sempre, por assim dizer, impressionista, mesmo quando o autor pretende pintar quadros mais á larga, mas em vez duma aparência de unidade colhe-se uma impressão de dispersão. Encontram-se aqui fundidos (decerto inconscientemente) os processos do Erico Veríssimo de *Clarissa* e do Graciliano Ramos de *Angústia*, ou seja: a superficialidade das impressões colhidas nas palavras similares, nos dísticos que o olhar aprende de passagem, engendrando pretensas profundidades de estados de espírito. Dominando o processo, longinquamente, encontra-se Proust, o homem das sensações visuais, auditivas e gustativas gerando estados emocionais. Quem o diria em Alves Redol! E no romance social!

Mas em *Marés* há, como disse, uma estrutura de romance que deixa a perder de vista a forma como é desenvolvida. Os primeiros quadros, os da infância do protagonista, dão com propriedade e com beleza os seus princípios humildes. E' aí que Alves Redol se sente á vontade. A inserção dos quadros da decadência duma casa fidalga aparece, no decurso do enredo, forçadamente, em obediência a uma das tais ideias preconcebidas do romancista, qual a de dar o desenvolvimento dialéctico da época que conduziu da monarquia á república. Essa ideia afirma-se paralelamente á descrição da vida de Francisco da Silva Diogo, filho de cavadores e sucessivamente marçano e comerciante açambarcador, candongueiro, e, por fim, fadido.

O assunto era um achado. Desenvolvesse-o Alves Redol sem preocupações de assombrar por malabarismos de frases, de estravagâncias gráficas (veja-se ao alto da página 339 da presente edição esta linha de prosa: «ladões, Ladões, LADROES, ladrões, ladrões, LADROES»), de pretenciosas escavações psicológicas sem conteúdo real, fôsse objectivo, impessoal (da impersonalidade que consiste em o romancista se não insinuar nas personagens, não da que resulta, como aqui, do excesso de influências), e ter-nos-ia dado um verdadeiro romance, o que não seria pequena coisa nas nossas letras.

Avieiros veio já num momento de maior robustecimento das convicções entre as quais se gerava um romance de características nacionais. As realizações eram, entretanto, ainda escassas. Por isso mesmo deve-se pôr em relevo o esforço contínuo de Alves Redol, na persecução dum tipo de romance que correspondesse ás coordenadas da vida moderna, sem por isso se afastar da realidade portuguesa.

Talvez o hábito de catar influências brasileiras no autor de *Gaibéus* leve alguns, com menos justiça, a procurar a ascendência de *Avieiros* no *Mar Morto*, de Jorge Amado. Tal influência, a constatar-se, implicaria uma apropriação do ambiente, ao contrário de em *Gaibéus*, onde as semelhanças com obras brasileiras recentes são de pormenor, e em *Marés*, em que as aproximações verificadas residem nas particularidades do processo literário. Ora, se existe alguma identificação dos dois ambientes, o da Baía-de-Todos-os-Santos e o da Borda-de-Agua do Tejo sobranceira a Lisboa (e não a vejo), não era isso motivo para que o escritor português, profundo conhecedor da região, renunciasse ao intuito de no-la descrever.

Mais do que em qualquer dos seus livros anteriores—e talvez dos posteriores—Alves Redol mostra-se aqui senhor dos seus dons de estilista e de observador. Sensível á magia de criar ambientes e de descrever personagens por dentro e por fora, Redol fá-lo, porém, com uma consciência e um sentido da verdade que nos dois livros anteriores surgem deturpados por excessos líricos ou preocupações de efeito literário demasiado visíveis. Muitas páginas de *Avieiros* dão-nos, com largueza—aquela largueza que desejáramos em *Marés*—o viver da população ribeirinha com os seus anseios, esperanças, tristezas e rebeldias. Há tipos que são símbolos: Olinda, transformada em Maria do Rio, animosa e valente; Toíno da Vala, com arranques de decisão e quebrantos de desalento; ti Lobo, arrastando saudades do mar á beira do Tejo. Foi neste livro que Alves Redol

subiu mais alto como artista; se aqui ressurgem os quadros movimentados em que se revelara mestre, desde o seu primeiro romance, as cenas de duas ou três personagens, onde os sentimentos falam mais que as palavras—cito, por exemplo, o capítulo *O menino adormeceu*—revelam-nos no escritor dons de dramatização que até então haviam aparecido embrionários. Por contraste, e como para marcar os progressos alcançados, perpassam num capítulo as personagens de *Gaibéus*. O autor é fiel ás suas simpatias; a Rosa, que afinal volta ás ceifas, continua a sonhar com a rua Pedro Dias, numa insistência que parece mais tentação do que fatalidade. Mas quem duvide do valor do artista literário leia, nesta edição, as páginas 517 a 519, que se podem citar entre muitas outras. Se *Avieiros* é um livro em que se sucedem

(Continua na 11.ª pag.)

«HISTORIA DA MENTIRA ATRAVÉS DOS TEMPOS»

de Cristiano Lima e Almeida e Sousa



CRISTIANO LIMA

A ideia não deixa de ser curiosa, se não inédita. Fazer uma «Historia da Mentira» nada tem de paradoxal, embora pareça á primeira vista original, e até negativa. Mas, afinal, de que vive o homem? A lenda, a ficção, o sofisma, o erro, são, porventura, variantes ou interpretações do que nós julgamos ser o outro lado da verdade? Cristiano Lima, jornalista e dramaturgo brilhante, e Almeida e Sousa, um novo literário, deram-se as mãos neste livro que tem autenticidade de factos e de matéria. A sua «Historia da Mentira» é uma perspectiva sobre o que se tem dito, escrito, afirmado e inventado através de figuras e acontecimentos que, até hoje, de certo modo aparecem envoltos nos oureos de um falso prestígio. Entre outros casos, os autores tratam da Invencível Amada, de Inês de Castro, coroada depois de morta; Roma e a Mentira; das origens de Lisboa; do Japão e da China, etc., com um interesse palpitante. A «Historia da Mentira» é uma obra que tem leitores garantidos. E' como certas peças de Pirandello, em que a verdade é de tal maneira espectacularizada, decomposta, que nós já não sabemos onde ela está e não está, se é ou se foi, o que era e o que devia ser. Cristiano Lima afirma-se um memorialista, que se extrai do passado e do presente os suficientes elementos dedutivos para nos demonstrar que a sua teoria não é agressora, nem transgressora, mas uma realidade incontestável. Prova-o com verdades absolutas—que não mentem! A «Historia da Mentira através dos tempos» é apresentada numa edição de que é depositária a Cosmos.

Um romance que toda a pessoa culta DEVE ter lido:

MADAME DE STAEL
CORINAna magnífica tradução de
MERCEDES BLASCO...um dos mais belos livros da es-
critora francesa... Páginas de empo-
gante beleza... (Diário de Lisboa).Um vol. de 552 págs. Esc. 22\$00
EM TODAS AS LIVRARIAS
EDIÇÃO ARG O LISBOA

A VENDA NAS LIVRARIAS

Dois novos livros da EDITORIAL GLEBA:

CONTOS INGLÊSES MODERNOS

1.ª SÉRIE

Seleção e prefácio de CARMO VAZ

Tradução de Margarida Barbosa, Carmo Vaz e Gustavo de Mendonça

PREÇO 18\$00

Recordações da Infância e da Juventude

de ERNEST RENAN

Prefácio e tradução de Flausino Torres

PREÇO 15\$00

Pedidos a: EDITORIAL GLEBA, L.DA

Rua da Madalena, 211-3.º — Telef. 28933 — LISBOA

ARCADIA O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

FORMIDAVEL EXITO DA ORQUESTRA PRIETO

GRANDIOSO CONJUNTO DE MUSICA MODERNA COM AS ANIMADORAS

CONCHITA MUÑOZ e INESITA PEÑA

EM PLENO TRIUNFO

ROCIO Y CESAR -- HERMANAS APARICIO

ORQUESTRA ARCADIA com o animador **JOÃO VALERIO**

Dentro de dias: ESTREIA DUM INTERESSANTE CONJUNTO COREOGRAFICO



Monumental

Largo Mendonça e Costa, 9 a 11

NOITE DA MODA

BERTA CARDOSO

Noite da Moda, no categorizado Monumental, é sempre motivo de reunião da sociedade elegante, para apreciar os melhores Fados, Guitarradas e canções de Coimbra. Cantam: a clássica artista BERTA CARDOSO, LOUBET BRAVO «cantor» Brigida Silva, JULIO PROENÇA, Manuel Calixto e Julio Vieitas. Solos pelos extraordinários Carvalhinho e Pais da Silva.



MANUEL CALIXTO



PARQUE MAYER
A's 23 horas

Reapareceu a ORQUESTRA INTERNACIONAL

MANOLO BELL

No colossal programa:

MARY MERCHE — CARMEN DEL RIO
CARMELITA DE CORDOBA — BALLET GRANADA

e a orquestra portuguesa de ritmo moderno

CARAVANA



A CANÇÃO TRIUNFAL

com James Cagney e Joan Leslie

T. 27172 — A's 21,30

2.ª SEMANA

EDEN

O amanhã é nosso

com Alland Lado, Loreta Young e Susan Hayward

A's 21,30

Telef. 2 0768

«Matinées» diárias

ODEON

Uma das três

A's 21 e 30

PALACIO

raparigas

A's 21 e 30

com Deana Durbin e Joseph Cotten

GINÁSIO

O lago dos sonhos

Telef. 20556

LYS

CASABLANCA

Telef. 48560

A's 21 e 15

Anjos da terra

TIVOLI Rumo a Tóquio

A's 21 e 30

TELEF. 50595 Cary Grant e John Garfield

2.ª SEMANA

Beijos roubados

(em technicolor)

com Joan Bennet, George Raft e Vivian Blaine

CONDES

Nova Lua de Mel

A's 21 e 30

Telef. 22253

com Jean Arthur, Charles Coburn e Lee Bowman

REX

Um homem às direitas

Roubo misterioso

Telef. 29656

A's 21 e 15

TERRASSE CASABLANCA

Anjos da terra

Telef. 20917 — A's 21 e 15

CASINO ESTORIL

A's 21 e 30

Caçadores de notícias

com David Farrar

CAPITOLIO

Companhia Espanhola **SAGI-VELA**

A'S 21,30 — ESTREIA

em Portugal da zarzuela

MANBRU SE VA A LA GUERRA

outra corda de gloria do divo cantor

SAGI-VELA

Sabado, «matinée» às 16 horas

APOLO

2.ª SESSÕES — 2

A's 20 e 30

e às 22,45

A vitoriosa revista popular

Bolacha Americana

com Herminia — Costinha — Amando Machado — Santos Carvalho (R.) no compere e as grandes atrações

ALBERTO RIBEIRO — Maria Sidónio e José Puertas

CERVEJARIA ARTISTICA

Largo de Alcantara, 1

Hoje, «soirée» de bom

Fado castiço, humoris-

mo e guitarradas, pe-

los distintos artistas

QUINITA GOMES, Ma-

ria Loureiro, Frutuoso

França, Fernando Ma-

dureira, José de Frei-

tas «Sua Ex.» o Sr. Frei-

tinhas». Desgarradas e

dueto humorístico. En-

Quinita Gomes trada, 1\$50.

IMPERMEAVEIS

GRANDE

LIQUIDAÇÃO

NA

CASA DA RUSSIA

142 — Rua Augusta — 144

Descontos de 20 a 30 0/0!

RETIRO DOS MARIALVAS

Empresa José Miguel

T. 25676

HOJE, às 21 horas, fa-

dos e guitarradas, com:

Guimomar da Conceição,

Adelaide Cardoso, Ma-

nuel Fernandes, José Co-

elho, Alvaro Rodrigues e

variações e solos por José

Nunes e Miguel Ramos.

ENTRADA 1.50. Consumo

1.50. Sábado, feriado na-

cional, «MATINEE» às

15 horas.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker—Paris

RINS, vias urinarias—Venere—Sifilis

T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, às 15 horas

Telefone 2 9062



PARQUE MAYER

às 21,30 horas

Um novo e colossal programa de varie-

dades com 2 primorosos cantores da rádio

MARIA LEMOS e TITO LIVIO

as atrações espanholas

MARY MERCHE—CARMEN DEL RIO

—CARMELITA DE CORDOBA

Os artistas portugueses

MARIA DO ROSARIO

DANIEL MARTINS—BRANCA VELEZ

—RENATO CHAVES—SAMUEL MAIA

e a orquestra CARAVANA

PREÇOS: 1.ª plateia, 10\$00; 2.ª pla-

teia, 7\$50; camarotes, 50\$00; frisas,

70\$00.

Teatro Nacional de D. Maria II

HOJE — A's 21

A Companhia Amelia Rey Colaço-Ro-

bles Monteiro, apresenta

OS MAIAS

Peça em 5 actos (7 quadros) extraída

do romance de Eça de Queiroz,

por José Bruno Carneiro

TRINDADE HOJE

às 21,45

LISBOA INTEIRA RI com

A célebre comédia de BERNARD SHAW

Pigmalião

com LALANDE, ASSIS e ANTONIO SILVA

Sábado e domingo, matinées às 6 horas

AVENIDA TELEFONE

2 7 2 7 3

TODAS AS NOITES

2 SESSÕES às 20,30 e 22,45

UM ÉXITO RETUMBANTE! A célebre opereta

A CASTA SUSANA

numa nova realização de Piero

com IRENE ISIDRO-ESTEVÃO AMARANTE

ERILIO BRAGA

Sábado, matinee extraordinária às 16 horas

MARIA VITORIA Telefone

22746

2 SESSÕES: As 20,30 e 22,45

LUISA SATANELA

na revista popular

A VITORIA

com o quadro nove

«O CARRO DO CAMPO 28 DE MAIO

E O CARRO ALMIRANTE REIS»

Um sucesso de gargalhada

Sábado, matinee extraordinária às 16 horas

VARIEDADES 2 SESSÕES

As 20,30 e 22,45

Hoje e todas as noites

O maior acontecimento de todos os

tempos, o grande êxito da revista

popular

ALTO LA' COM O CHARUTO!

Com Mirla, Vasco e Alvaro Pereira

à frente de uma Grande Companhia

CASINO ESTORIL

Tôdas as noites

no Salão Restaurante

2 ORQUESTRAS:

MANOLO BELL

TOSELLI

PEÇAM VERMOUTH

POÇAS JUNIOR

Agentes distribuidores: Pérola do Oriente, L.

Rua da Rosa, 198—Telef. 25565

HOJE
às 21.30
no

GINÁSIO

entra
em

6.ª e, definitivamente, última semana
o 1.º grande êxito da época
O Lago dos Sonhos
com **KRISTINA SÖDERBAUM**

FILMES ALCANTARA apresenta

A última e mais graciosa das comédias de

com **JOSEPH COTTEN** e **CHARLES WINNINGER**

UMA DAS 3 RAPARIGAS

DEANNA DURBIN

só foi verdadeiramente grande na adorável criação de Penelope Craig dos seus filmes «As 3 Raparigas Modernas»,

«As 3 Raparigas Cresceram» e no presente, que é a continuação daqueles dois êxitos.

HOJE nos cinemas **ODÉON** e **PALACIO**

DEANNA DURBIN

Teatros e Cinemas

Reposições

«La gran via» e «La montería», no Capitólio

Voltámos a ouvir ontem, no palco do Capitólio, a graciosa zarzuela de Ramos Martin, «La montería», para a qual o maestro Jacinto Guerrero escreveu uma das suas mais lindas partituras, que o nosso publico tem no ouvido, por ter sido representada há anos, em português.

A interpretação que ontem nos deu a companhia Sagi-Vela difere pouco daquela que teve no Trindade, pela companhia de Moreno Torroba. Com excepção do «divo» e de António Martelo, a distribuição é sensivelmente a mesma. Esperanza Arquero e Teresita Silva já tinham desempenhado com o mesmo relevo os seus papeis, fazendo-se notar a primeira por uma voz agradável, de bom timbre e de excelente escola, e a segunda pela graciosidade e pela frescura da sua interpretação. Escusado será dizer que a canção «Hay que ver» foi bisada, e muito bem, pois é nela que Teresita Silva é mais graciosa, desenvolta e expressiva do que em nenhuma outra.

Luiz Sagi-Vela cantou a sua parte primorosamente, como era de esperar, e António Martelo foi um «Pipon» que não ficou nada a dever àquele que Manolito Hernandez fez entre nós. E esse já era notável. Vimos pela primeira vez Sara Mayce, numa discreta e fugidia aparição. Francisco Ruiz emprestou ao «Duque» a dignidade requerida.

Acêrca da «Gran Via», preferimos não dizer nada, pois teria sido melhor, por todas as razões, não a arrancar á poeira dos arquivos—onde dorme um sono glorioso.—N. L.

Atrás do reposteiro

A peça «O Pão de Ló», que fez parte do antigo repertório Satanela-Amarante, volta de novo á cena no Avenida, com uma montagem moderna e modificada pelos seus adaptadores, Felix Bermudes e João Bastos. O papel criado por Satanela vai agora ser interpretado por Irene Isidro.

—Não é do maestro Vasco Macedo, mas sim original do tenor Alberto Ribeiro, a musica do numero «O candeiro ali da esquina», cantado por aquele artista todas as noites no Apolo, na revista «Bolacha americana».

—Estão já a ser executados nos «ateliers» Paiva os grupos de fantasia da revista «A travessa da Espera», em ensaios no Maria Vitória, peça em que reaparecem os bailarinos Francis e Ruth Walden, antes da sua partida para o estrangeiro.

—E' com a peça «Se amas, obedece», tradução de Manuel Fragoso, que se estreia a companhia Bruniide Judice-Alves da Costa no Funchal.

—A companhia espanhola de zarzuela Sagi-Vela canta hoje no Capitólio a zarzuela em 3 actos «Manbrú se va a la guerra».

Artistas de variedades

A Agência Internacional Artística contratóu para o Meia Noite o Quarteto Camaguey.

—Os excêntricos Witali-Orive foram contratados pelo empresário Piero e estreiam-se brevemente num dos seus teatros.

—O violinista José Puertas passou a fazer parte, como atracção, do desempenho da revista «Bolacha americana», no Apolo.

Primeiras exhibições

«A canção triunfal», no São Luiz

O filme de ontem é uma das imagens mais felizes da América. Um dos seus melhores retratos, um retrato em grande que, apesar das dimensões do «écran», atinge proporções monumentais. Como se consubstanciou na vida de uma figura real, a do célebre artista e autor George Cohan, as virtudes de alegria, de vibração, do orgulho, de patriotismo e de expressão popular, que caracterizam os Estados Unidos. Abençoado seja o povo que sabe cantar, como aquêle, e que tanto se senta, representado por um qualquer, na Casa Branca, em frente do presidente, como marcha de arma ao ombro, galhardamente, para salvar a Europa da tirania totalitária.

Michael Curtiz, o realizador, não será, de certa maneira, um outro Cohan, que olha para o povo, antes de architectar as suas produções? Veja-se esta, directa, subtil, delicadamente emotiva, a meia tinta dos grandes sentimentos e a naturalidade das atitudes sinceras! O filme é, como já dissemos, a existência de um homem, mas é, sobretudo, a história da famosa canção «Over There», que os soldados yankees trouxeram, na outra guerra, para o velho continente. Cohan é um *self-man*, endiabrado, vibrante, cuja carreira tem o fulgor e a vertigem de um meteoro. O seu dinamismo contagia tudo, vencendo sempre. Vemos os seus comêços, garoto ainda, depois a luta para conquistar o seu lugar, como autor, por fim, a apoteose na Broadway. Tudo isto envolto em bandeiras da América, em cenários de *feerie*, ou enquadrado em grandes espectáculos, onde, como dizia um grande reporter americano, há três elementos fundamentais: sensacionalismo, patriotismo e sentimentalismo.

James Cagney, um artista que estamos acostumados a ver interpretar *gangsters* situa-se a extraordinária altura neste filme. Ele canta, dança, representa, toca a nota dramática, ou poética, sendo sempre, estruturalmente, 100 % americano. Hello, Cagney!—Visor 42.

Não há maior alegria, Melhor dádiva ou troféu Do que a Nova Companhia De circo, no Coliseu!

Faz—Tudo desconjuntados,
Palhaços endiabrados
Com intermédios de truz;
Cavalos, malabarismo,
Trapezistas e ciclismo,
Numa «feerie» de luz!

Um ventriloquo e peras
Imitando a voz das feras,
Dos papagaios, do trovão;
E até um «rancho» de estalo
Com um estupendo cavalo
Montado por bom calção!

Amanhã há «matinée»:
Lá vai a «sopa», o bebé,
O católico, o ateu,
O pai, a mãe e a tia
Aplaudir a Companhia
de Circo, no Coliseu!...

JOSÉ DO TELHADO

Uma fita emocionante que, brevemente, se estreia no Pôrto e nos princípios de Janeiro, em Lisboa



A fita «José do Telhado», como toda a gente sabe, por haver já lido a seu respeito várias notícias, é um trabalho de cinematografia portuguesa a que o seu realizador, Armando Miranda, e os seus colaboradores—artistas que a interpretam e técnicos especializados que nela intervieram—procuraram dar (e deram, segundo consta) elevada expressão emocional e artística. Estão encarregados da sua distribuição os «Exclusivos Triunfo».

Vai o Pôrto, em breves dias, assistir á sua estreia. E vai (antes de Lisboa, onde será exibida, apenas por começos de Janeiro), ver e aplaudir o desenrolar duma película, certamente muito do seu agrado. Reproduzimos dela, hoje, uma das cenas mais impressionantes, remate duma perseguição e duma luta arrebatadora: a morte de «José Pequeno» (Juvénal de Araujo) ás mãos do «José do Telhado» (Virgílio Teixeira). Esta cena é tida e havida pelos que já viram passagens da fita nos laboratórios, como sendo um dos melhores «momentos» do Cinema Português.



APRESENTA, AMANHÃ, no

POLITEAMA

um dos mais vibrantes filmes de espionagem

**GARRAS
AMARELAS**

COM

HUMPHREY BOGART

Mary Astor e Sydney Greenstreet

Produção WARNER BROS

BELEZA

PRECISÃO

Cortébert

CRISTAL

HOJE

BAR DANCING DA MODA às 23 horas

O melhor programa de atracções
que se exhibe em Lisboa, com:

ROSITA MONTAÑA

LOS GITANILLOS

VICENTITA FRUTOS - LILI FRANCE - VERÁ FREY - MANOLITA CONDE - MARI SOL

com as Orquestras portuguesas SOUSA PINTO e CRISTAL

Em breve: Estreia da bailarina ENCARNITA MACARENA

Lanches

Pórtos de Honra

35 - R. José Falcão,
44 - C



Salão de Chá

Banquetes

Av. Almirante Reis,
142 I.

**BORDADOS
e ALTA COSTURA**

INVERNO 1945 e 1946

RUA DOS SAPATEIROS, 139, 3.ª-D.
LISBOA - telef. 23754

ECOS

Escreve-nos, apouquentada, Maria Altenina:

—Torna a falar-se de nudismo... Com a minha sensibilidade e a educação que me deram não aceito facilmente «a nova moda» que me parece antes uma ausência de moda. Porque é que a humanidade, depois de se haver vestido por tantos séculos, deseja agora despir-se? Hum! hum...

Ouça Maria Altenina: a pouca vergonha não é tão grande como se julga. Não se trata, por enquanto, de praticar o nudismo em plena rua e de andar por toda a parte com a tanga gentilica. Os nudistas creem que iniciam uma revolução moral, acabando com o pudor. Cada qual se enfeita com as penas de pavão! Afirmando também que o nosso corpo e a nossa pele carecem de sol, de muita luz e de muito ar fresco. Recomendam os exercícios físicos e os movimentos rítmicos. Mas tudo isto com discreção, em recinto fechado, a coberto dos olhares profanos.

A pouco e pouco, porém, hão de alargar o seu plano de conquistas e então é que o «arraial» ha de ser bonito. Plasticamente, heroicamente, na expansão vistosa das suas «academias», como dizem os espanhóis, os nudistas contam acabar com as zonas interditas do corpo humano. Morre o misterio. Cada qual como Deus o fez. Acaba a industria dos botões. Os alfaiates põem escritos nas lojas ou então começam a fabricar tunicas impalpáveis como a do celebre rei que se apresentou despido ao seu povo e que uma criança denunciou, exclamando:

—«O' papá, o rei vai nu!».

Extinto o pudor e desfeito o misterio dos sexos, que se passará?

Cerramos os olhos para não ver, mas reaceamos que seja necessário, em nome da salvação publica, publicar um decreto com um unico artigo:

—«Todo aquele, homem ou mulher, que aparecer, na rua ou no palco, inteiramente nu, será castigado «in loco» com cinquenta varadas. Fica revogado o descaramento, em contrario».

Pedem-nos a publicação da seguinte carta que versa materia justa e urgente:

«Sr. director:—Eu sei quanto é precioso o espaço dum jornal como o do «Diário de Lisboa» mas também sei, por experiencia própria, que V. não deixa de atender pedidos justos. E o caso é:

Há aqui, quasi na Baixa, uma rua onde se construíram cinco prédios novos, e não estes todos habitados por familias da maior respeitabilidade. Esta rua chama-se... Calçada do Desterro (ao Intendente). Desejava eu que V. fizesse um apelo á Ex.^{ma} Camara Municipal, a fim de «a mandar iluminar convenientemente». Depois das 10 horas da noite, ninguém pôde dirigir-se a suas casas, e muito menos uma senhora ou uma menina. São as maiores indecências, os palavrões mais horribéis, que naquela escuridão temos de suportar.

Ao comando da Policia civil, também peço que mande um guarda ao menos de noite vigiar e alufentar homens e mulheres, que se servem da rua ás escuras para... a tornar inabitavel e indesejavel.

Seria V. duma grande amabilidade para todos nós, que somos 30 familias aqui residindo.—De V. etc.—Alvaro Coutinho».

Não é difficil averiguar com quanta razão se queixa o sr. Alvaro Coutinho. Pôna-se termo ao indecoroso espectáculo a que se refere, protestando.

Se os bons costumes merecem ser respeitadas—o que temos por incontestavel—atenda-se o signatario da carta supra que defende precisamente o direito que lhe assiste de, quando entrar ou sair de casa, não ter, quasi á sua porta, as indecências duma viela.

NATAL — 6.000 CONTOS

à venda na casa

Campião & C.^a

Rua do Amparo, 116 — LISBOA

O JULGAMENTO DE NUREMBERG

Hess foi considerado capaz pelos peritos de doenças mentais

que o examinaram

(Continuação da 1.^a pag.)

socialistas alemães e austriacos». Alderman apresentará um depoimento recolhido na Cidade do México, este ano, de Georges Messersmith, que foi consul geral americano em Berlim, de 1930 a 1934, e que esteve em Viena de 1934 a 1937. O advogado de Franz von Papen, antigo embaixador alemão na Turquia, requereu que Messersmith appareça a depôr pessoalmente ou que o tribunal estabeleça uma norma geral quanto aos depoimentos de testemunhas ainda vivas.

O depoimento de Messersmith diz que, desde o inicio, o governo alemão considerava a incorporação da Austria como uma necessidade politica e económica e que a unica duvida era «a forma de o conseguir». Os alemães eram «extraordinariamente francos» quanto aos seus objectivos. Declararam a Messersmith que realizariam a anexação «por quaisquer meios que fossem necessários» e acrescenta: «Eu posso assegurar que todos na Alemanha,

tendo algum conhecimento do que se ia passar, sabiam que Hitler e o governo nazi estavam irrevogavelmente decididos a anexar a Austria». Messersmith disse que, quando se encontrava em Viena, o chanceler Dollfuss—mais tarde assassinado pelos nazis—, Schuschnigg e o presidente Miklas lhe declararam que os nazis exerciam uma pressão continua para conquistar lugares no governo depois do que tentariam aniquillar toda a opposição no interior do país. Os nazis serviam-se para essa pressão de meios económicos, de propaganda e de actos de terrorismo a fim de compellir o governo austriaco a aceitar as suas condições. Chefes nazis declararam a Messersmith, em Berlim, que os atentados eram instigados e dirigidos por eles.

A traição de Seiss Inquart

Quando Hitler visitou Mussolini em Veneza, nos meados de junho de 1934, os atentados cessaram momentaneamente, devido ao facto de Mussolini apoiar o governo austriaco e Hitler não desejar romper abertamente nessa ocasião com Mussolini. Messersmith contou as intrigas do acusado Seyss Inquart, que foi chanceler da Austria nos três dias que precederam a anexação e, mais tarde, foi nomeado governador da Holanda ocupada.

Seyss Inquart ludiu Schuschnigg, mostrando-se muito amigo dele, enquanto fazia visitas secretas a Hitler. Messersmith continuou: «Em 1938, sabendo que a Grã-Bretanha e a França não interviriam e que a Itália não poderia tomar qualquer attitudé, Hitler vibrou o golpe final na independência da Austria, levando a termo o que deve ser considerado como uma das campanhas mais insidiosas e cobardes, sem qualquer justificação, para pôr termo á Austria como Estado soberano».

O advogado de von Papen declarou ter profundas duvidas sobre o depoimento de «uma pessoa velha e incapacitada». O presidente, Lord Lawrence, depois de conferenciar com os outros juizes, durante cinco minutos, annunciou que o tribunal resolvera que podiam ser apresentados depoimentos por escrito e que, «no caso em questão, era a forma apropriada. Se a defesa desejava fazer perguntas á testemunha em data posterior, ser-lhe-ia isso facultado. Se o Tribunal reconhecer que a presença de qualquer testemunha é de extrema importancia ela será convocada».

A reacção de Doenitz e a responsabilidade de Hess

Quando Alderman leu o nome do almirante Karl Doenitz, antigo comandante-chefe das forças navais alemãs e que succedeu a Hitler durante poucos dias, Doenitz reagiu visivelmente, pela primeira vez durante o julgamento. Sacudiu a cabeça vivamente e tocou o ombro de Goering. Este chamou a attenção do advogado de Doenitz e voltou-se para o antigo comandante das forças navais.

Foi hoje anunciado que Rudolf Hess é considerado no gozo perfeito das suas faculdades mentais. A junta médica que o examinou chegou a essa conclusão, embora admitindo que ele é tecnicamente um «psicopata», com certas ideias de paranoico. A junta acrescentou que devia, em parte, ao fracasso da sua missão á Grã-Bretanha as suas anormalidades, que se tornaram mais nitidas.

Quando Alderman falou dos acontecimentos de Viena, em 25 de julho de 1934, quando Dollfuss foi assassinado, Goering manifestou uma forte excitação, exclamando «Não, não, não», tomando rapidamente umas notas. Alderman chamou a attenção para o facto de que o libelo inclue a morte de Dollfuss na lista dos «crimes nazis contra a Humanidade» e citou Messersmith como declarando que esse acto foi ordenado e organizado por nazis alemães e austriacos.

Pela primeira vez, Goering lançou olhares furiosos para o Tribunal.—R.



O sr. Vicente Antonio Martins e boa, a bordo

Chegaram

**dois funcio
que ali passaram p
da oc**

A bordo do «Lourenço Marques», chegam esta manhã a Lisboa, vindos de Moçambique dois funcionários superiores da administração de Timor, que ali passaram grande parte dos meses amargos que a população viveu sob a ocupação japonesa, até conseguirem fugir a Australia, a bordo de um contratorpedeiro holandês.

São eles o sr. Vicente Antonio Martins, rector da Fazenda, que viajava sózinho, sr. eng. Azevedo Noura, director das Publicas, acompanhado por sua esposa, com ele compartilhou nobremente todos os aguras da invasão e do exodo.

Logo que o paquete atracou, os jornais entraram a bordo e rodearam o sr. V. Antonio Martins, em cujo rosto macerado e envelhecido pareciam descortinar-se ainda os vinculos de um prolongado sofrimento físico. Estava comovido ao voltar á cidade de Lisboa que ele, em dados momentos chegou a desesperar de tornar a ter diante seus olhos rastos de lágrimas.

Acolheu amavelmente os jornalistas e foi por lhes dizer:

—«Encontrava-me em Dili quando chegaram os australianos e não posso nem quero dizer que foram correctissimos para a população. Não houve incidentes, nem lencias, nem crimes».

—Mas depois...—atalhámos.

O velho funcionário, olhando por cima da multidão que ia invadindo os decks, foi um sinal com a mão e diz nervosamente: —Um momento meus senhores. Vem-me os meus três filhos. Voltou a vê-los...

Os jornalistas afastam-se. Uma rapariga rapazes abraçam o pai, entre lágrimas e uma cena comovida. Mas o sr. Vicente não recobra a sua serenidade caracteristica prossegue nestes termos:

—Sim, depois vieram os japoneses e foi o nosso drama, para o qual não há lavras. No dia da invasão niponica, não encontrava em Dili. Estava no interior, e fui. Oito dias depois, com outros companheiros fui para a montanha, para Baucau e ali manecemos algum tempo.

—Os massacres—interrompeu um jornalista causaram em Lisboa a mais viva repulsa.

—Houve efectivamente e foram coisas ríveis. Japoneses e indigenas do Timor lá des perpetraram esses crimes.

Não Vale A PENA

Incomodar-se a ler mais reclamações. Precisa adquirir joias, pratos ou artigos?

Vá a

Grande Ourivesaria da Moda

Onde encontrará tudo que o seu gosto idealise.

257, Rua da Prata (Esq. de Santa Justa)

A MUNDO

Capital e Reservas: 90.597 contos

LARGO DO CHIADO, 8

Porque falta a carne

nos talhos de Lisboa?

Desde sábado que Lisboa está sem carne nos talhos. No entanto ela não falta nos restaurantes, casas de pasto, pensões e hotéis. Qual é a principal razão da falta? Procurámos hoje resposta para esta pergunta, junto de alguns proprietários de talhos que nos disseram:

—As nossas despesas, contribuições, licenças e ordenados para o pessoal são certas, ao passo que não temos mercaderia para vender ao publico. Assim não podemos, decerto, pagar os encargos que oneram o nosso commercio.

O motivo principal da falta de carne é sempre o mesmo, com uma ou outra variante. Emquanto faltou a agua e os pastos eram poucos, os produtores vendiam o gado por preços um pouco mais baixos, por não terem que lhes dar de comer. Por outro lado os compradores, valendo-se da situação dos produtores, tratavam de regatear os preços. O resultado era haver carne em abundancia, sendo o excesso, pago além do preço da tabela rateada pelos proprietários dos 400 talhos que há na capital. Assim se conseguia que a carne não faltasse.

—E agora? perguntamos.

—O produtor, como já tem agua e postos abundantes, defende-se melhor, exigindo preços mais elevados do que até agora. Os compradores, por sua vez, mostram-se desinteressados, não pagando nada mais, além do que se encontra fixado na tabela. É essa a razão principal, que explica a actual falta de carne. Os dirigentes do Gremio dos Proprietários de Talhos e da Junta dos Produtos Pecuários trocaram impressões sobre o assunto e os comerciantes têm apresentado varios alvites e sugestões.

A unica forma de termos carne, concluíram as pessoas a quem ouvimos, consiste na subida de preço, nas mesmas condições daquela que há tempo se registou. Ao sr. ministro da Economia compete a solução do caso, decidindo-se sobre os alvites e sugestões apresentadas.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Electrado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	—	—	994\$
Consolidado 3 % T. 10	—	—	1.019\$
Consolidado 3 1/2 T. 10	—	—	1.068\$
Consolidado 3 3/4 T. 10	—	—	1.020\$
Centenários 4 %	—	—	2.524\$
Obrigs. T. 2 1/2 1942	—	—	1.000\$
Obrigs. T. 2 1/2 1943	—	—	998\$
Ações			
Esp.St. ^o e Com.L. ^a port.	—	2.760\$	2.775\$
Lisboa e Açores por...	—	1.100\$	1.150\$
Ultramarino cp. T. p. ...	—	886\$	887\$
Portugal port. T. p. ...	—	1.753\$	1.755\$
Mundial	—	1.675\$	1.690\$
Sagres	—	—	2.100\$
Portugal e Colónias ...	—	—	354\$
Colonial Navegação ...	—	—	1.255\$
União Eléctrica Port. ^a	—	745\$	745\$
Açúcar de Angola...	—	2.045\$	2.045\$
Obrigações			
Agua Lisboa 5 % ...	—	—	569\$
Norte de Portugal 5 %	—	—	115\$

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 25482 RUA DA PRATA 43



Os três filhos que o aguardavam em Lisboa «Lourenço Marques»

hoje a Lisboa

hários de Timor te do período

upação japonesa

O sr. Vicente Martins vai enumerando: —Foram vítimas dessa avalanche de sangue o pobre capitão Freire da Costa, sua desventurada esposa, o dr. Dinis Pedrosa, o secretário de circunscrição Gouveia Leite, o administrador de Manatuto, Mendes de Almeida, o respectivo secretário e tantos outros. ■

O nosso amável entrevistado disse-nos que pouco mais sabia. Viveu na montanha, tão isolado quanto possível. Falou com carinho do auxílio dos nossos indígenas. Um dia tiveram a comunicação de que um navio de guerra holandês iria buscá-los a determinado ponto da costa. Para ali se dirigiram. Chegaram, enfim, à Australia, onde foram muito bem tratados. O «Mauritania» levou-os, por último, em agosto deste ano, para Lourenço Marques. Numerosas pessoas estiveram hoje a bordo a pedir áqueles dois funcionários, notícias de parentes e amigos que tinham em Timor.

O «Lourenço Marques» trouxe tropas de Moçambique

No «Lourenço Marques», que veio hoje dos portos de África, com 432 passageiros, chegaram tropas que estiveram em missão expedicionária em Moçambique e pertencem, principalmente, a Infantaria 10, de Aveiro.

No mesmo navio regressou a Lisboa a sr.ª D. Maria Teresa Teotónio Pereira, sobrinha dos srs. dr. Pedro Teotónio Pereira, embaixador de Portugal no Rio de Janeiro.

O «Lourenço Marques» trouxe um carregamento de açúcar para a metrópole.

O tempo que faz

SITUAÇÃO GERAL A'S 6 HORAS (T. M. G.): DE HOJE: A corrente de perturbações assinalada no extremo norte do Atlântico (frente ártica) parece que já alcançou a Escandinávia. Continua a verificar-se a estabilidade da depressão centrada a SE dos Açores. Temperaturas: Londres, 3º; Paris, 2º; Lisboa (Montanto), 13º.

FENOMENOS OBSERVADOS NAS ULTIMAS 24 HORAS: Bom tempo nas Ilhas Britânicas e em França. Chuva e aguaceiros nos Açores, Madeira e SW da península.

EVOLUÇÃO PREVISTA: A depressão a SE dos Açores vai encher-se quasi no mesmo sítio. Por consequência:

TEMPO PROVAVEL AMANHÃ EM PORTUGAL: Vento dos quadrantes de S, fresco e por vezes muito fresco com rajada. Chuva com carácter de aguaceiros, principalmente nas zonas Centro e Sul. Trovoadas em alguns pontos. Temperatura sem modificação apreciável.

(Informação do Serviço Meteorológico do Exército).

Temperaturas extremas em Lisboa hoje, até às 16 horas, segundo os registos do Observatório Infante D. Luiz: máxima, 17º; mínima, 13º,4. No mesmo dia do ano passado: máxima, 17º,6; mínima, 6º,9.

IAL = Seguros

Sinistros pagos: 156.468 contos
LISBOA TELEF.: 2 0354

FOI CONSTRUÍDA EM ALENQUER

uma nova estação de tratamento
para salubridade das águas

que vêm para Lisboa

O bom do alfacinha é sofredor e paciente, embora proteste e barafuste a todo o momento. Queixa-se — e com razão — dos transportes, das demoras no trânsito, da falta de combustíveis, e também, por vezes, do mau gosto da água. Mas tudo suporta, exemplarmente, fazendo até «blague», quando calha, dessas próprias deficiências e das necessidades que nem sempre consegue ver satisfeitas.

Para obtermos alguns pormenores sob o problema da salubridade das águas e do seu mau gosto, procurámos o ilustre director das águas, sr. Queiroz Pereira que, apesar de preferir o silêncio do seu gabinete de trabalho, não se recusou, a dar-nos algumas explicações.

—As águas da Companhia estão completamente ao abrigo de suspeita? — perguntámos-lhe.

—Pelo menos, temos empregado todos os esforços para que assim seja. A desinfecção, que há algum tempo lhes temos alicado, parece que as liberta do perigo que ofereciam até certa altura.

—Mas é tão desagradável o seu sabor, mesmo até quando se aplica a cozinhado ou a um simples chá... observámos.

E coihemos então a seguinte informação, que com prazer transmitimos aos leitores:

—Construiu-se, recentemente, isto com a preciosa colaboração do dr. Bernardino Pinho uma nova estação de tratamento das águas, em Alenquer, que visa a melhorar as condições do abastecimento da água à capital. Ela poderá agora vir tratada num percurso de 40 quilómetros, desde aquela vila até Lisboa. Evidentemente que não se pode negar o valor do melhoramento, se olharmos ao pequeno número de povoações que, entre nós, contam com água nessas condições.

—Mas quanto ao abastecimento de Lisboa?

—E' também beneficiado com essa nova instalação de tratamento de água, porque a técnica empregada agora, para tal fim, eliminará as principais causas do seu mau gosto. Na depuração da água optou-se pelo uso do cloro, associado aos sais amoniacais, digamos: pelo emprego das cloraminas, sistema que é mundialmente seguido. As soluções de cloro e amoníaco, preparadas na própria instalação de tratamento, são lançadas à água nas condições excelentes da reacção química que preside a formação do produto esterilizante — a cloramina.

Palavras de Churchill

sobre a situação britânica

LONDRES, 29.—Winston Churchill, falando hoje aqui numa reunião muito concorrida de delegados do partido conservador, disse o seguinte: «Pela serie de dificuldades em que o nosso país se viu enredado, no dia seguinte ao da vitória, será necessária a mais persistente acção para conseguir assegurar a continuidade da grandeza do nome britânico. A votação dos eleitores na eleição geral foi um dos maiores desastres que ainda feriu este país através de toda a sua longa história. Não precisamos de perder tempo na análise das razões desses acontecimentos. Como tive ocasião de dizer, na Camara dos Comuns, em junho de 1940—nesse momento gravíssimo da nossa existência—se iniciarmos uma luta entre o passado e o presente, descobriremos que perdemos o futuro.»—(R.).

O PORTO pelo telefone

Orfeon Donostiarra

PORTO, 28.—Depois do notável êxito ontem obtido no teatro Rivoli pelo Orfeon Donostiarra, sob a égide do Circulo de Cultura Musical, aquele agrupamento artístico, acompanhado dos seus dirigentes, foi hoje recebido na Camara Municipal pelo seu presidente, prof. dr. Luiz de Pina, que, depois de proferir breves palavras, colocou no estandarte do Orfeon fitas com as cores da cidade. A seguir, a convite da vereação portuense, realizou-se um almoço no Hotel do Império. A' noite realizou-se o segundo concerto.

Eça de Queiroz e o jornalismo

Integrada nas realizações comemorativas do centenário Eça de Queiroz, o jornalista Jaime Brasil realiza amanhã, no Clube Fenianos Portuenses, uma conferência sobre «Eça de Queiroz e o jornalismo».

O Frio ENTRA PELAS Frinchas
CALAFETAGEM R. da Conceição, 11
Telef. 2 6110

Um morto

que ficou

sete horas à espera
que o levassem

para o Necrotério

«Sr. director—Na rua onde moro, apareceu ontem um homem morto. Na rua—não é bem: dentro da escada do prédio onde morava. Eram seis e pouco da manhã, padreiro, leiteiro ou não sei bem quem—nem isso interessa—já para entrar na escada e deparou com o triste espectáculo, de que foi logo avisar as autoridades. Estas, com efeito, não tardaram a dar conta da sua existência, destacando um policia para o local, a tomar conta do morto, não fosse ele aborrecer-se do tempo que o iam deixar ali e arrepender-se da «grande viagem», decidindo voltar à vida de que se fartara...»

Efectivamente, o guarda da P. S. P. ali esteve. E não é apenas para fazer gracejo fácil que a sua presença se deve considerar. Mas os inquilinos do prédio é que não se deram por satisfeitos, mesmo com sentinela á vista. Impressionados pelo triste espectáculo—não podiam descer a escada sem dar de cara com o funebre despojo cuja silhueta se recortava no negrume do sítio—deixaram-se ficar em casa, bloqueados pela presença trágica, sem animo para sair á rua, nem ás compras, nem ás obrigações, nem aos empregos, nem ás escolas.

Pois, senhor director, assim se ficou durante horas: deram sete, oito, dez, meio dia! Ao meio dia, compareceu o sr. subdelegado de saúde, que assinou um papelinho, parece que uma guia ordenando a remoção do corpo e a sua admissão no Necrotério. Esta segunda fase do programa estava cumprida.

Faltava a terceira parte, isto é, a remoção do cadáver. A tarefa incumbia, ao que parece, á policia civil, mas a esquadra da zona onde isto se passou não dispõe de maca, ao que me disseram, pelo que foi preciso esperar que viesse uma da esquadra da Mouraria. Quando chegou o referido utensílio—uma espécie de padiola com rodas e coberta de lona, lá levaram o corpo para a «morgue». Eram duas horas da tarde!

Perto de oito horas esteve, como vê, sr. director, o funebre despojo ali em exposição. Sem falar já do que isto representa de pouco próprio do respeito que uns aos outros nos devemos, há um caso que me parece mais sério e para o qual peço a V. que queira ter a bondade de chamar a atenção das autoridades: quem é que garante que o homem estava morto quando o policia se lhe postou ali de sentinela? Parece que o primeiro cuidado seria o de ver se era ou não possível ministrar ainda alguns socorros ao pobre homem. Mas não: delibera-se que o morto está morto e fica-se apenas á espera que se possa levá-lo para o depósito das autópsias. E' de presumir, efectivamente, que, sete horas depois de ter sido encontrado o corpo, o ultimo sopro de vida se lhe tivesse evaporado: não lhe faltou tempo para isso...

Presumo que se cumpriram todos os regulamentos, pois não é de admitir que as autoridades de tais assuntos andem fóra de horas, mas é fóra de duvida que há neste sistema qualquer coisa que não funciona bem e que me parece digno de ser presente, pelo «Diário de Lisboa», á consideração de quem de direito, a ver se é possível dar-se remédio—não ao morto, coitado—mas ao caso em si, talvez mesmo a outros mortos que venham a aparecer.

De V. com a esperança que sejam ouvidas estas palavras, que não são de má critica mas de boa intenção.—Zacarias da Silva Junior».

Uma parada em São Paulo

SÃO PAULO, 28.—O 10.º aniversário da falhada revolta comunista foi observado na segunda cidade do Brasil e grande centro industrial com uma grande parada militar, que incluiu fortes contingentes de tropas mecanizadas e cavalaria.

A partir do meio dia foi feriado e grandes multidões acorreram ao centro da cidade para verem a parada. — (Reuter).

Jóias, pratas antigas e modernas

Comprim-se por altos preços na
«OURIVESARIA PORTUGAL»
Rossio, 121 (esquina Rua Betesga)

IMPERIUM SALÃO CHA
LANCHES • BANQUETES • ALMOÇOS • JANTARES
Rua S. Justa 105 • T 275 27

Um violento sismo

fez-se sentir
no Extremo Oriente

Um telegrama de Sidney diz que o maior tremor de terra até hoje conhecido foi registado no Observatorio de Riverview, ás 8 horas e 11 minutos (hora local) de hoje. E' considerado ainda mais violento do que o de 1909. Pelo registo, o epicentro deve estar situado a 10.500 quilómetros ao oeste de Sidney.

A Reuter assinala também ter sido registado o abalo, de grande violencia, no observatorio de Coloba em Bombaim que calcula o seu epicentro 400 quilómetros ao norte daquela cidade. Outros calculos situam no mar o epicentro.

O sismo foi também registado em Karachi, onde os moveis das casas foram violentamente sacudidos.

O conhecido sismologista britânico J. J. Shaw, de Bromwich, diz que o centro do fenómeno se deve ter situado a 4 mil milhas, no norte da Índia ou na China ocidental. Acrescentou que três horas e meia depois do começo do sismo, a terra ainda vibrava.

O sismo foi também registado em Lisboa, a partir das 22 horas, 7 minutos e 14 segundos de T. M. G. e foi intenso e de grande duração. O epicentro foi localizado a cerca de 7.780 quilómetros a NE de Lisboa. A profundidade do foco sísmico parece ser de 140 quilómetros, aproximadamente.



Pó de arroz
Rouge
Crème
Baton
(não gorduroso)
são produtos de alta classe

PORTO KOPKE

HÁ MAIS DE 300 ANOS

Agentes-Deposítários

OLIVEIRA & TORROAIS, Lda

RUA S. MAME-
DE, 85-87
(ao Caldas)
Telefone 21254



Sub-Agentes: **FABRICA DE LICORES IDEAL**—Pátio do Tejo, 11—Telef. 2 8885

FUNERAIS

OS MELHORES SERVIÇOS
OS MAIS BAIXOS PREÇOS
Preferir a «SRA» é poupar muito dinheiro e ter a certeza de ser bem servido. **Facilidades de pagamento** para quem as deseje aproveitar.
Rua das Pedras Negras, 5, e/l.
Telefones 2 7288—2 8584—4 2172

CRINA VEGETAL—VENDE-SE

Qualquer quantidade para entrega imediata, qualidade garantida.
Para mais informes. Arco Escuro, 7, 1.º (à Rua dos Bacalhóes). Telefone 25476.

Caminhos de Ferro do Vale do Vouga

AVISO

Pelo presente se faz publico que até ao dia 20 de Dezembro do corrente ano, esta Companhia receberá propostas, em carta fechada, dirigida ao Engenheiro Director da Exploração, para a venda desde 1 de Janeiro até 31 de Dezembro de 1946, de água, frutas, doces, tabacos, café, e refrescos, nas estações e apeadeiros destas linhas, excepto SERNADA.

São prevenidos os proponentes de que:
1.º—No invólucro das propostas, além do endereço, deverá indicar-se o seguinte:

«Propostas para venda de água e frutas».
2.º—As propostas deverão estipular claramente o preço fixo para a venda até 31 de Dezembro de 1946, considerando-se nulas e de feito algum as que se apresentarem fora destas condições.

3.º—Para as estações abaixo indicadas, a oferta pelo período de um ano não pode ser inferior a:

Espinho Praia	1.500\$00
Vila da Feira	800\$00
Oliveira de Azemeis	500\$00
Paradela	500\$00
Ribeiradio	200\$00
Oliveira de Frades	200\$00
S. Pedro do Sul	200\$00
Agueda	200\$00
Para as restantes	100\$00

4.º—A adjudicação ser afeita a quem maiores garantias ofereça à Companhia, independentemente do preço oferecido, reservando-se igualmente o direito de proceder à licitação verbal entre todos ou apenas os concorrentes que entenda, no caso de não lhe satisfizerem as propostas recebidas.

Igualmente e até à mesma data se recebem propostas para o aproveitamento das águas das fossas em todas as estações, durante o ano de 1946.

Espinho, 21 de Novembro de 1945.
O engenheiro director da exploração, **Ferreira de Almeida**.

DINHEIRO EMPRESTA-SE

dando-se o maximo sobre todos os objectos
R. Duque de Palmela, 11
à R. Alexandre Herculano

EIS O POPULAR "PHILETTA"



PHILIPS, satisfazendo o manifesto desejo do público, incluiu no seu programa 1946 "NOVA SÉRIE HOLANDESA" um aparelho de preço acessível a todas as classes sociais: o "PHILETTA"

"PHILETTA", é um receptor que convém em todos os lares. Reduzido consumo de corrente eléctrica. Gamas de onda: curta, média e longa. Potente volume de som. Alta sensibilidade. Trabalha sem antena.



A venda nos estabelecimentos dos revendedores autorizados da

PHILIPS PORTUGUESA (S. A. R. L.)

e em exposição:

LISBOA
Av. da Liberdade, 3

PORTO
Av. dos Aliados, 151

COIMBRA
R. Simões de Castro, 152

LEIRIA

«AVIZ-Café Restaurante»

Almoços, jantares e serviço à lista
Marcam-se quartos. Telefone 203



BASILISA PEDROSA
Parteira diplomada

Rua Augusta, 275-1.º — Tel. 2 9607

Leiam as quintas-feiras o jornal humorístico **SEMPRE FIXE**.

Arrematação Palácio

No dia 30 do corrente, por 14 h., na 1.ª secção do 6.º Tribunal (Boa Hora), será vendido pelo maior preço oferecido o Palácio denominado «Quinta do Calado», sito no Caminho de Baixo da Penha, 60 a 64, tornando para a rua Morais Soares, composto de andar nobre com pavimento terreo, 1.º andar e águas-furtadas, todo forrado de azulejo e com as divisões decoradas, tendo anexo capela, garagem, grande jardim murado e outras dependências. Esclarecimentos na R. da Couceira, 145, 1.º. E.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 89, 2.º

TELEFONE 2 6519

Med., coração e pulmões—Dr. A. Narciso, 5 h.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, vias urinárias—Dr. M. Magalhães, 1 h.
Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenças nerc., electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos, 2 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo, 4 h.
Garg., nariz, ouvidos—Dr. Afonso Simão, 3 e 30 h.
Doenças sr.ªs operações—Dr. C. Afonso, 3 h.
Doenças das crianças—Dr. G. Coelho, 5 e 30 h.
Boca, dentes, prótese—Dr. A. Lima, 2 h.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha, 4 h.
Fisioterapia—Dr. Mario Jacquet, 4 h.
Analises clinicas



NIVEA:
Preço desde 6\$00

Dem estar para ambos
A grande satisfação que se sente ao aplicar Creme Nivea, é extensivo aos dois sexos. No mulher a pele torna-se suave e o seu aspecto melhora adquirindo mais atractivo. Ao homem proporciona-lhe o barbear-se sem o menor incomodo.



Deposito: Pestana, Branco & Fernandes, Lda
Rua S. Francisco, Lisboa

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 4.ª pag.)

lôsofo, pensava assim—o que não pensariam os micróbios.

E o meu colega, feita esta profissão de fé agnóstica, declarou-me que frequentava a «Brasileira», do Chiado, com delícia. A única maneira de deglutir as grandes especulações filosóficas, literárias e políticas, era acompanhando-as do cafézinho bem quente e com muito açúcar. Ali havia as únicas verdades acessíveis. Tal mesa, assemelhava-se ao Pórtico, outra ao Jardim d'Epícuro e havia uma ou outra que lhe parecia a Academia—imagens vivas da Grécia Académica.

A diferença consistia apenas em que os mestres e os discípulos que as rodeiam não deambulam, estão sentados. Aristoteles fala—e eles ouvem. Não são inteiramente peripatéticos. Mas pouco lhes falta.

—Ao mesmo tempo que a «Brasileira», adoro os tribunais—continuou o meu colega. Nos dois lugares eu encontro «o humano», o «demasiado humano»—menschliches, allzu menschliches...

Eu não percebi e perguntei-lhe o que significavam aquelas rudes palavras guturais.

—E' o título dum livro do Frederico, em alemão...

—Do Frederico?...—fiz eu.

—Sim, meu caro. O Nietzsche... Bem vê que eu fui «arso» em Coimbra. Tratou familiarmente os filósofos, sei-lhes os nomes e conheço-lhes os títulos das obras...

E continuou:

—Pois nos tribunais eu encontro a mesma «humanidade». Dia em que não tenha contacto com colegas e magistrados, não se dá para mim. Em ambos os silos se dá uma parte ao Erro—o que é essencial em tudo que é humano. Na «Brasileira», é certo que se abusa.

Pigarreou e acrescentou, muito grave:

—Nos tribunais nunca dei por isso.

—E perguntei eu—nunca lhe apeteceu ampliar o campo das suas observações?

—Apetece-me, às vezes. E então vou aqui perto, a um Casino elegante. Tomo uma bebida e como uns bolos. Não jogo nem danço. Mas encanta-me a atmosfera calma, pacífica, civilizada. Alivia-me dos pesadelos dos «film's» e dos jornais. Gozo ali um aspecto sabroso da civilização policiada, ouvindo «fox's» e «tangos» langorosos. Estranhei no entanto, há dias, ouvir um homem muito simpático que passa a vida a cantar coisas doces ao microfone, enquanto os pares enlaçados se baloicam, dizer, fulo para um colega: «raio de vida! estou exausto! porque não fui eu para marujo!».

—Bem vê—comentei eu—como o colega muito bem notou no principio da nossa conversa tudo é relativo.

—Pois é—assentou ele—há dias um sujeito muito bem posto beijou a mão da entrada a duas elegantíssimas senhoras, com requintes de galanteria. Um outro sujeito que o acompanhava perguntou-lhe: quem são? E o primeiro respondeu:—vida fácil. Eu ouvi e o pior foi que as damas também ouviram. Momentos depois, sentadas numa mesa a meu lado, uma perguntava à outra: «ouviste, aquele malandro?» Ao que a outra retorquiu, trincando um bolo com uns dentes alvissimos e com um suspiro: «se esse malandro soubesse como a nossa vida é difícil, não falava assim».

Que lhe parece, colega?

Eu respondi:

—E' humano isso. Humano e verdadeiro. Já se deixa vê, dentro da relatividade, que é a única verdade absoluta.—R. C.

A'S SENHORAS:

Quereis vestir bem por pouco dinheiro?

Na antiga e acreditada casa de

M. ME BETTENCOURT

encontram V. Ex.ª a maior, mais linda e recente coleção de vestidos, casacos de peles e de fazenda, raposas, chapéus, etc., em todos os géneros e para todos os preços.

R. Nova da Trindade, 26, 1.º andar

Telef. n.º 2 5316

N. B.—Prestando-se a confusão haver no mesmo prédio mais portas com o n.º 26, não confunda: é no 26, 1.ª porta de escada com o nome e escudo de M. ME BETTENCOURT.

Carlos Selvagem conversa

meia hora connosco
sobre os seus planos literários

Carlos Selvagem conversa meia hora connosco sobre os seus actuais planos literários. Como sempre sucede, quando o escutamos, encontramos nas suas palavras um tom de sinceridade que nos torna fácil a entrevista. As perguntas e as respostas encadeiam-se, naturalmente, e reconhece-se que não é necessária qualquer estratégia especial para se ficar sabendo alguma coisa... O trabalho do jornalista torna-se duplamente agradável, tanto pelo valor da personalidade do entrevistado, como pela suavidade do caminho que aquele tem de trilhar.

—O que pretende saber?—pergunta-nos Carlos Selvagem, com afabilidade.

—Alguma coisa sobre os seus projectos de actividade literária. Consou-nos que vai entrar numa nova fase de intensa produção.

O autor de «O problema das elites no mundo moderno» responde-nos com expressão de bom humor:

—Os srs. jornalistas conseguem mais do que saber: conseguem adivinhar!

Sorrimos ante o remoque e observámos:

—Mas não nos enganamos, não é verdade?

—De facto, uma vez mais, vejo que não. E estou á sua disposição para o infermar.

Diga-nos então quais as peças e os livros com que nos quer agora deleitar.

O brilhante dramaturgo, como se estivesse conversando com um amigo, confidencia:

—Sabe, para mim o escrever é um desenfadamento de espírito, uma evasão indispensável.

Por esse motivo tudo quanto tenho produzido tem sido sem qualquer espírito de profissionalismo, sem qualquer desejo de glória literária.

—Mas interrompem—não acha que esta sirva de incentivo?

—Sim, a glória é realmente um estímulo. Mas não é com os olhos pos. os nela, que me tenho dedicado a escrever. Posso mesmo acrescentar que mediocrementemente me interessa comunicar com o publico. A maior parte das minhas peças têm-se representado por me terem sido pedidas. Não tenho uma peça na gaveta, nem nas gavetas de qualquer empresário.

—Quais os seus projectos, agora?

—Há já para três anos que eu fazia tenção de voltar a dedicar-me a uma vida literária mais intensa. De resto, a minha imaginação está sempre em actividade, fornecendo sucessivamente temas de peças, de novelas, de ensaios, de conferências. Simplesmente no começo de 1943 a minha vida profissional absorveu-me de tal modo, que não pude sequer pensar em escrever uma linha, embora haja sido solicitado para várias conferências que realizei. Porém, aque-

las obras que exigem grande recolhimento têm-se-me tornado impossíveis, tanto mais que só sei trabalhar dentro da noite. Passado agora o período mais intenso das minhas ocupações militares, espero realmente poder voltar a entregar-me á produção de várias obras.

—O que tem esboçado?

—Quatro ou cinco peças. Duas delas já estão definitivamente delineadas, intitulado-se uma delas, á falta de melhor titulo, provisoriamente, «Appassionata». As outras, estão já esboçadas, e todas me interessam igualmente. Mas a única obra que verdadeiramente desejaria deixar escrita antes de morrer é uma grande novela que teria por titulo «Ariels».

—De que consta?

—Da paixão estética dum grande artista por um modelo. Tenho também já preparado um livro de contos. E mais dois ou três ensaios de História Militar, e outro sobre politica ultramarina. Como vê, disperso-me.

Levada por curiosidade, tentamos sondar:

—O assunto de «Appassionata»?

—A paixão da Verdade que em certas almas nobres leva a destruir a própria felicidade.

E continuando na nossa indiscreção, perguntámos:

—Do que consta a outra peça, dessas duas que nos disse já estarem prontas?

—E' uma peça de ambiente histórico: «Márgio ou os Doze de Inglaterra».

—Parece-lhe que o teatro esteja rompendo com todos os seus antigos moldes?

Carlos Selvagem detem-se um segundo a reflectir, e depois responde-nos:

—O teatro está passando por uma grande evolução, desprendendo-se do realismo do ambiente burguês—como na maior parte das peças francesas que durante tanto tempo fizeram escola—e passando para um plano diferente, mais tocado de poesia, de maravilhoso, de maneira a arrastar-nos o espírito para um mundo diverso.

—Acha que esse género de teatro cai no agrado do nosso publico?

—Não, realmente não é aquele que mais o prende. Mas há que afinar-lhe a sensibilidade.

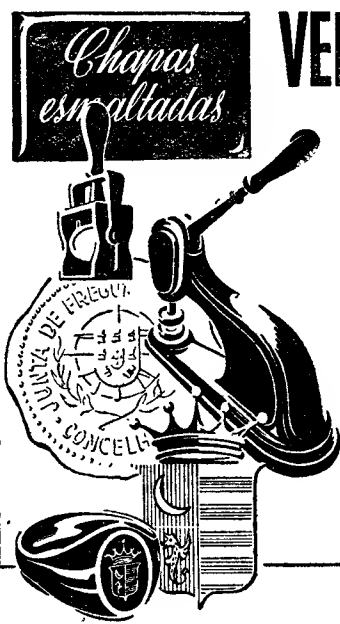
—As suas peças são, no geral, temas arrancados á vida real?

—Não. Excepto duas, e de entre elas «Entre Giestas», que foram inspiradas em casos verificados, que eu depois enriqueci com a imaginação.

E de mais não falámos com o notável dramaturgo, escritor e conferente. Mas parecemos matéria de sobra para deixar o leitor vivamente interessado.

Gente nova,
novos métodos

SERVIDOS POR
VELHA EXPERIÊNCIA



CARIMBOS
CHAPAS
ESMALTADAS
TIMBRES
GRAVURAS

60 ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO RECOMENDAM-VOS A CASA

FREIRE GRAVADOR

R. DO OURO, 158 A 164 - LISBOA

Crítica literária

(Continuação da 5.ª pag.)

belos, e vigorosos quadros, que dizer dele como romance? Talvez não seja de todo impertinente a perguntar, repetida a proposito de tantos livros de hoje, e por vezes com menos razão. Já ninguém pode tirar a Alves Redol a gloria de ter sido, entre nós, apesar de alguns precursores, o iniciador decidido duma tendencia literaria, que a um real talento alia a vontade esforçada dum grande trabalhador.

Terá, no entanto Alves Redol beneficiado do momento em que surgiu, como afirmou acima? Para a revelação fulgurante da sua personalidade contribuiu, sem duvida, o facto de ela ser esperada, e, mais do que isso, necessaria. Mas esse mesmo facto tirou, talvez, ao autor de *Gaibéis* a serenidade do escritor que construi a sua obra com paciencias de architecto, a que podem não ser estranhos ardores de visionario. Em literatura, a exaltação do combatente quer-se medida e pensada com vagares de artista, a menos que a força do génio transfigure em chama perdurável o entusiasmo momentaneo. Procurando conciliar os seus impulsos intimos com as solicitações exteriores, Alves Redol, apesar das suas qualidades eminentes, tem experimentado hesitações que se traduzem num permanente desajustamento das suas obras ao genero em que se filiam. Em cada uma delas nos surge um Alves Redol novo, que a pouco e pouco se vai parecendo com o antigo. Não se trata, senão em minimo grau, da diversidade dentro da unidade que caracteriza a obra de alguns escritores. Unidade existe sempre, patente ou oculta, na obra de todo o artista. A desigualdade na obra de Redol apresenta-se em cada livro. Em *Gaibéis*, nas *Marés*, nos *Avieiros*, na *Fanga*, publicada depois, anuncia-se a estrutura de romance em algumas dezenas de páginas iniciais—salvo, em *Gaibéis*, a já apontada inovação da ausencia de personagens centrais—e a pouco e pouco as grandes linhas estruturais vão-se afastando, delindo, deixando intervalos por onde assomam vastos quadros, se assiste ao debate de preocupações por vezes dramaticas, sem duvida presas a intenção inicial, mas já sem expressão romanesca.

Em *Avieiros* isso sucede mais que nas duas obras anteriores. Que este livro se afasta dos moldes tradicionais do romance, não há que duvidar. Mas nisso não faz mais que seguir a tendencia da época, visível não só em países jovens, como o Brasil e a America do Norte, como na própria França, carregada de tradições. E', porém, *Avieiros* uma daquelas obras ante as quais sentimos quanto são largos os limites dum genero a que correspondem, na concepção geral, balizas demasiado estreitas? Seria arrojado affirmar-lo. Se a técnica adoptada de inicio fosse a dos dois ultimos terços—largos painéis onde pululam multidões alternando com outros em que se recortam, carregadas de sentido, figuras isoladas, ligadas entre si pela mesma ideia condutora, sem outro entrecho que os aspectos simples de vidas simples—*Avieiros* seria, pelo menos, uma tentativa nova de romance-documentario, a que não haveria que pedir mais do que a intenção que o autor lhe imprimisse. Se, ao contrario, o romance fosse o que se anuncia na primeira terca parte—a vida duma rapariga nascida num barco do Tejo, através da qual se sugerisse a odisseia dos humildes pescadores da borda de água, seria, de certo, de técnica menos innovadora, e valeria, literariamente, o que valesse como realização. Abandonando, porém, o ritmo da narração continua pelos quadros interpolados em que a peripécia, quando surge, vem desligada, marcando apenas pequenos relevos na vida agitada mas monótona dos dois protagonistas, Alves Redol parece ter hesitado ainda. O reparo poderá ser de pouca monta, mas afigura-se-me que tal hesitação nos privou duma obra de arte que alias-se á excelencia dos episodios a excelencia do conjunto. Em *Avieiros* incluem-se algumas das mais notáveis páginas escritas pela moderna geração de escritores. A nova fórmula do romance, que, correspondendo ás preocupações prementes dos homens de hoje erguesse um tipo e afirmasse uma técnica, não foi aqui encontrada.

Escusado será talvez dizer que a obra de Alves Redol está a franca altura para que esta critica possa significar menosprezo por ela. O muito que o autor faz esperar obriga que se lhe indique quais os caminhos que aparentemente o esperam. Haverá erro nessa indicação? Talvez. Mas é um erro de boa fé.

Depois de *Avieiros* o autor publicou *Fanga*, seu ultimo romance, e recentemente uma novela, *Anuncio*. De *Fanga* disse em tempos outro lugar o que pensava. Para os que me não leram direi que, marcando um avanço quanto á sobriedade do estilo—cuja riqueza, em *Avieiros*, é amiúde perturbadora—e a unidade do conflito, me não parece que essa obra tivesse esgotado as possibilidades de Alves Redol como romancista.

De *Anuncio* falarei numa das minhas próximas crónicas.

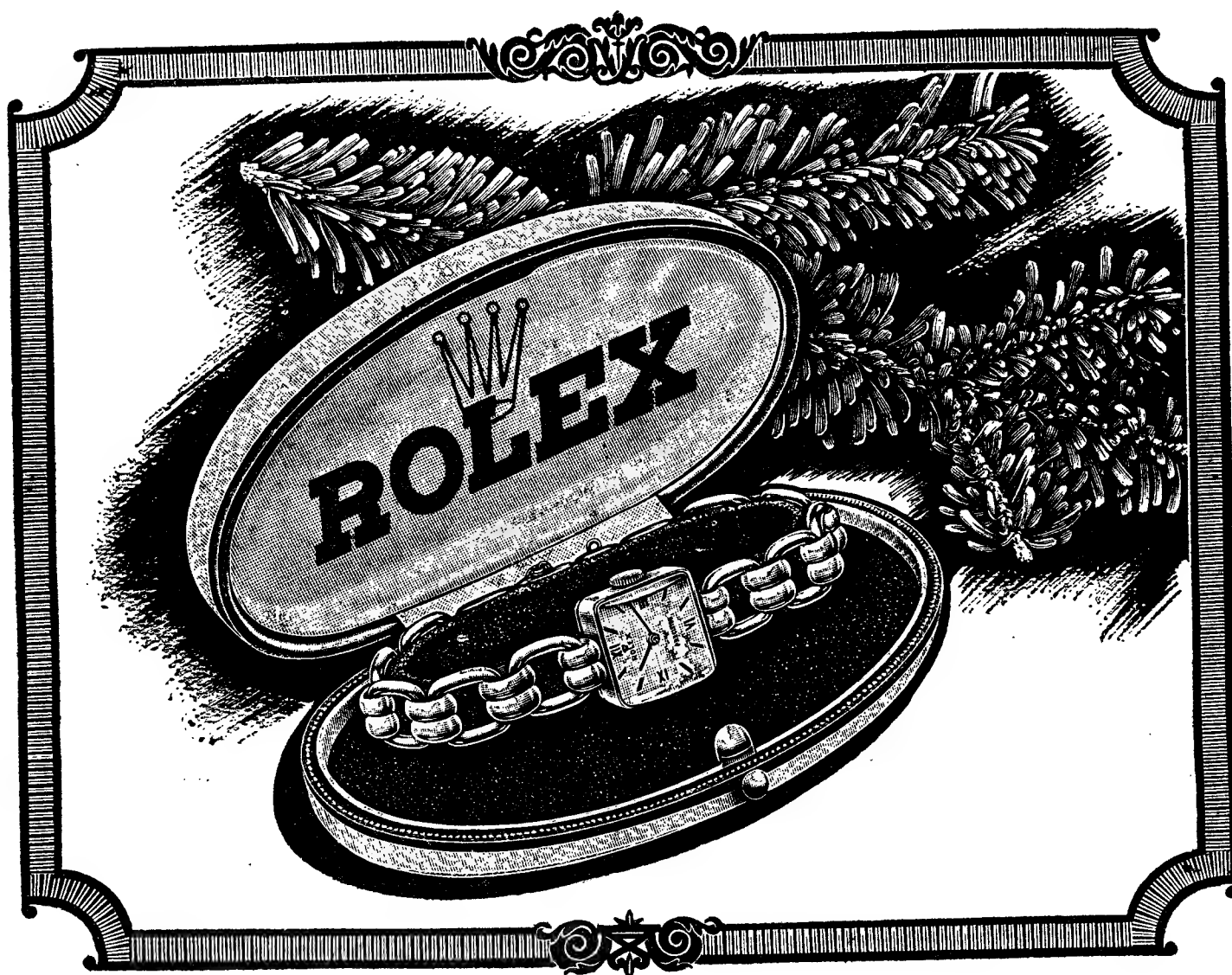
A presente edição dos três primeiros romances de Alves Redol é formosamente apresentada, com capa e alegorias de Manuel Ribeiro que já firmou, neste genero, os seus créditos de artista.

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

VIDA MUNDANA

MARIA TERESA

Em avião partiu novamente para Madrid e Barcelona a sr.ª D. Maria Teresa, que naqueles centros cosmopolitas vai escolher um novo sortido das ultimas novidades em chapéus que a moda feminina apresenta para a próxima estação.



Uma especialidade para barbear



SABÃO—CREME EM BISNAGA
ALTA PERFUMARIA HOFALI
A' VENDA NAS MELHORES CASAS



PAL

Faz uma barba diferente... porque é um género diferente de lamina

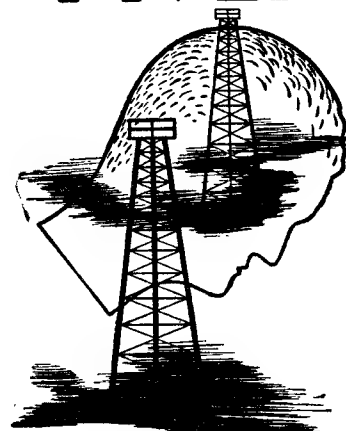
O GUME É CONCAVO

AGENTE exclusivo em Portugal:

MAX NACHMANN

R. dos Correios, 174 — LISBOA — Tel. 2 6609

PETRÓLEO PIVER



Quando os folículos pilosos não são devidamente irrigados e o bulbo não pode produzir novas raízes, o **Petróleo Piver** age eficazmente, pois, penetrando bem profundamente, vai animá-los e vivificá-los, dando assim novas energias ao cabelo e evitando a sua queda.

O **Petróleo Piver**, com ou sem gordura, vende-se em:

Garrafas de meio litro a 55\$00
Frascos a 20\$00

L.T. PIVER

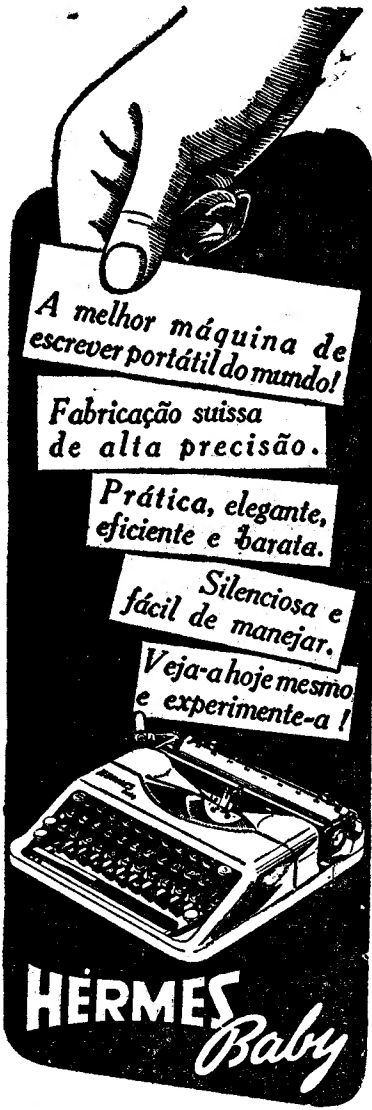
MERKER

O ESQUENTADOR-DISTRIBUIDOR SUIÇO DE

LINHAS MODERNAS
SEGURANÇA ABSOLUTA
FUNCIONAMENTO IMPECÁVEL

MODELOS PARA GÁS «CIDLA»

EXPOSIÇÃO: RUA DE S. PAULO, 142



A melhor máquina de escrever portátil do mundo!

Fabricação suíça de alta precisão.

Prática, elegante, eficiente e barata.

Silenciosa e fácil de manejar.

Veja-a hoje mesmo e experimente-a!

HERMES Baby

DISTRIBUIDORES:
Sul: M. Simões Jr. Rua da Conceição, 46, 1.º — Lisboa.
Norte: Araújo & Sobrinho, Sucrs. Largo S. Domingos, 50 — Porto.

DUPLA FINALIDADE

BALANÇA PARA COSINHA E "PESA-BÉBÉS"

Pela primeira vez pode V. Ex.ª adquirir, a um preço muito módico, uma moderníssima balança "INCA", absolutamente indispensável na vossa cozinha, que pode também servir de "pesa-bébés" mediante a aplicação de um estrado de madeira especial. Poderá assim observar rigorosamente o peso do vosso "bêbé", condição essencial para conservar-lhe a saúde.



INCA

Veja-a hoje mesmo nas boas lojas de utilidades

Venda por grosso somente:
M. SIMÕES JR. — R. da Conceição, 46-1.º
 Telefone 2 1672 — LISBOA



PRECISÃO até ao último parafuso!

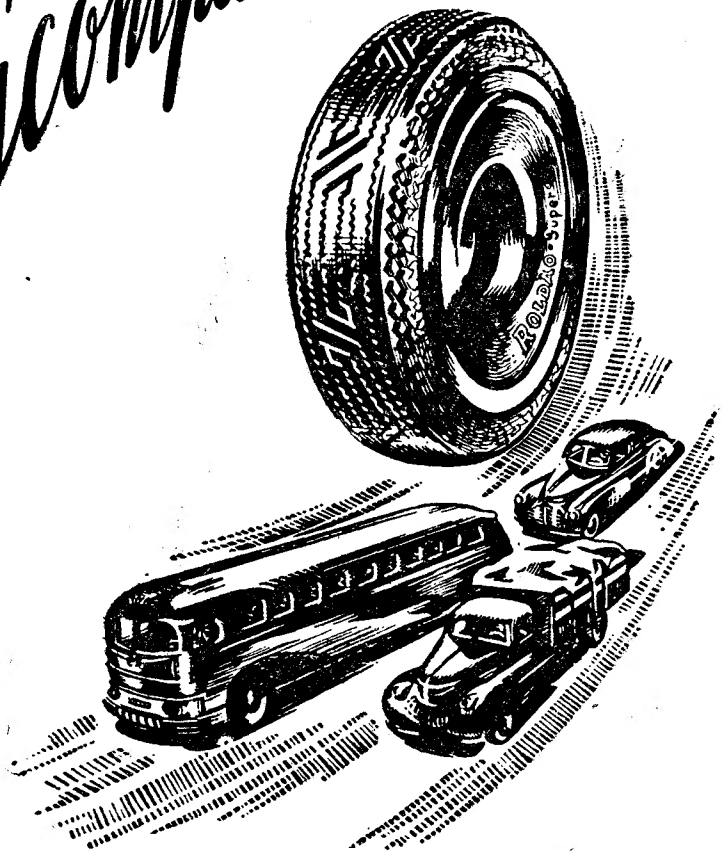
ASSIM É A CONSTRUÇÃO DA MODERNÍSSIMA MÁQUINA DE ESCRIVER HERMES 6, A MAIS PERFEITA MÁQUINA DE ESCRITÓRIO DO MOMENTO ACTUAL, DOTADA DAS MAIS RECENTES INOVAÇÕES DA TÉCNICA SUÍÇA. COMPLETAMENTE BLINDADA E PORTANTO AO ABRIGO DA POEIRA, DE LINHAS MODERNAS E ELEGANTES, DE CONSTRUÇÃO ROBUSTÍSSIMA, É A MÁQUINA DE ESCRIVER QUE PRESTARÁ SERVIÇO EFICIENTE DURANTE MUITOS ANOS SEM QUAISQUER PREOCUPAÇÕES PARA O SEU POSSUIDOR.

PEÇA HOJE MESMO UMA DEMONSTRAÇÃO SEM QUALQUER COMPROMISSO E INFORME-SE JUNTO DE QUEM JÁ AS POSSUE.

HERMES
 paillard

DISTRIBUIDORES:
SUL: M. SIMÕES JR. - R. da Conceição, 46-1.º - Tel. 2 1672 - LISBOA
NORTE: ARAÚJO & SOBRINHO, SUCRS. - Largo S. Domingos, 50
 e Filial: Rua dos Clérigos, 8 - Telefones 235 e 2352 - PORTO

acompanhando o progresso...



RECAUCHUTAGEM DE PNEUS

Roldão & Pires, Lda

DIRECÇÃO TÉCNICA DE: MANUEL DA COSTA PIRES

LEIRIA

RESISTENCIA

SEGURANÇA

ECONOMIA

Relógios **LONGINES**

MODELOS DE EXPOSIÇÃO — PEÇAS ÚNICAS EM PORTUGAL
 EM PLATINA — EM OURO — COM E SEM BRILHANTES
 A PRONTO — A PRESTAÇÕES

até 24 MESES

Escritório dos
IRMÃOS CARDOSO, FLOS
 Rua da Vitória, 73, 1.º



TOPÁZIO

Suas altas realizações modernas e originais, de pulseiras em ouro pálido e género mourisco. Procure nos joalheiros

Na Cozinha Municipal



Francisco Valença publica, no «Sempre Fixe» de hoje, uma interessante página de «charge» a resolução da Câmara sobre o arranjo do Parque Eduardo VII.

É verdadeiramente admirável a página gráfica de «Ecos da semana», em que Botelho historia a vida de Eça de Queiroz.

Outros artistas representados neste número do popular semanário—que insere engraçadíssima colaboração em prosa e em verso: Octávio Sérgio, Pargana, Brandeiro, Martinez e Norton. Número avulso: \$50. Assinaturas: rua da Rosa, 57-2.º (telefones 20271, 20272 e 20273).

BOLSAS DE ESTUDO O temporal do dia 18

para cursos no estrangeiro

O «Diário do Governo» publica hoje um despacho do Ministério de Educação Nacional, pelo qual foram concedidas bolsas de Estudo do Instituto para a Alta Cultura, em Inglaterra, de colaboração com o British Council, pelo prazo de nove meses, a contar de 1 de outubro último, aos licenciados: Renato Pereira Coelho, assistente da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra; João Jaurés Julio Silva Ramos Dias, professor da Escola de Belas Artes de Lisboa; Pedro Carlos do Amaral Polonio, médico do Hospital Julio de Matos; George Robert Duff e Nidia Barbosa.

Foi também concedida uma bolsa de estudo, fora do país, pelo prazo de três meses, a contar de 26 de junho último, ao assistente do Instituto Superior Técnico, eng. António Jacinto Hidalgo Barata.

Foi concedida ainda uma bolsa de estudo, durante três meses, a contar de 15 de agosto, ao assistente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, dr. Humberto Augusto de Almeida.

Automóveis e pneus da América para Portugal

O contingente geral de exportação de camiões americanos para Portugal, no ano corrente, foi fixado em 1.124, assim divididos: 920 médios, 167 pesados e 37 rápidos; o de automóveis em 217; e o de pneus em 117 toneladas. Tudo isto, é, claro, dependente da possibilidade de transporte.

CASA DO RIBATEJO

A Casa do Ribatejo realiza no próximo dia 1 de dezembro a festa de inauguração da sua sede após as obras que a melhoraram. A festa consta de números de música, canto, baile e declamação, e termina por um baile.

O chefe do distrito visitou a Quinta dos Peixinhos

A convite do Grupo de Instrução e Desporto «Os Peixinhos», visitou hoje a Quinta dos Peixinhos o sr. comandante Nuno de Brion, governador civil de Lisboa, que ali foi tomar conhecimento directo dos terríveis estragos produzidos pelas chuvas do dia 18, para procurar, dentro das suas possibilidades, remediar os casos mais urgentes.

Como se sabe, naquela quinta ficaram arrasadas muitas barracas, sofrendo grandes danos o campo de futebol e o circo «Máriozinho» e tendo sido levados na enxurrada muitos móveis, roupas e outros haveres dos habitantes que são todos muito pobres.

O chefe do distrito—que era acompanhado pelo sr. tenente Soares da Cunha, comandante da Polícia Municipal, pelo presidente da junta de freguesia de Monte Pedral e pela direcção de «Os Peixinhos»—percorreu, demoradamente, a Quinta da Letrada e os diversos locais atingidos pelas inundações, prometendo tomar as providências possíveis para acudir aos sinistrados.

A COLHEITA DA AZEITONA

CONSTANCIA, 27.—Está em plena campanha a colheita da azeitona. O azeite é de fina qualidade. Mas, a produção não vai além de 30 % de uma colheita normal. Sendo o azeite a principal riqueza deste concelho, continuam a sofrer grandes prejuízos os proprietários rurais e todos que vivem da agricultura.

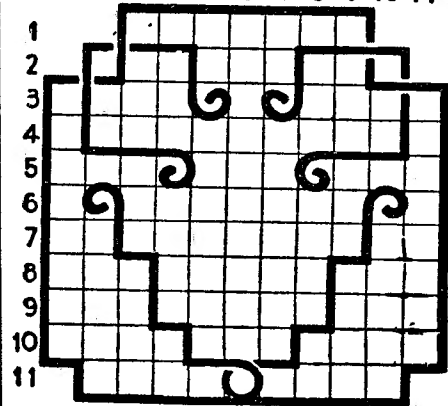
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

No dia 2 de dezembro será inaugurada, no quartel dos Voluntários de Almada, uma escola primária para ambos os sexos, a qual poderá ser frequentada não só pelos filhos dos socios, como também por todas as crianças residentes naquela vila.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1156

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Deus. 2—Doutor. Espaço de tempo. Único. 3—Regra. Partida. 4—Esfriar. 5—Olhava. Senhores (abrev.). Alguma. 6—Indivíduos pouco espertos. 7—Prefixo de negação. Ligadura. Nota musical. 8—Grande quantidade. Silva. Moderno estabelecimento para venda de bebidas. 9—Princípio. Bosques. Naquela lugar. 10—Arranca. Porém. Ungula. 11—Afaste-se. Unidade prática de resistência eléctrica.

VERTICAIS: 1—Naturais da Póvoa do Varzim. 2—Além. Notícias. 3—Tempo do verbo dar. Margem. Cabo no extremo mais ocidental da costa portuguesa. 4—Gracejar. Prendem. Gemido. 5—Frequentava. Salvam-se. 6—Que é insensível ao amor. 7—Compaixão. Dás atenção. 8—Textualmente. Rezas. Algarismo. 9—Composição poética. Costuma. Suprimi. 10—Aspecto. Erro. 11—Povoação e praia de banhos na margem esquerda do Tejo.

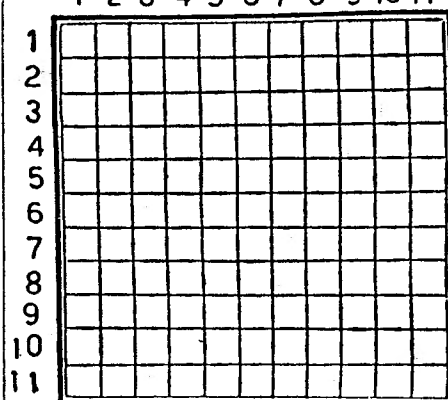
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1155

HORIZONTAIS: 1—Frenético. 2—Orei. Mons. 3—Linda. Curie. 4—Vades. Anexa. 5—Arcarem. 6—Dão. Ele. Olé. 7—Catitas. 8—Varra. Atear. 9—Amens. Sacro. 10—Mede. Cais. 11—Sossegara.

VERTICAIS: 1—Olvidavam. 2—Fria. Ames. 3—Renda. Credo. 4—Eider. Arnês. 5—Ascetas. 6—Era. Ali. Ide. 7—Caretas. 8—Imune. Ataca. 9—Corem. Secar. 10—Onix. Aria. 11—Seareiros.

(NOVA MODALIDADE) PROBLEMA N.º 183

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Prevenido. 2—Artigo definido (ant.º). Altares. Pronome pessoal. 3—Camareira. Requeimadas. 4—Sardão. Nome de mulher. 5—O Aram da Bíblia. Preposição latina que designa direcção. 6—Indicar. 7—Preposição. Existia. 8—Textualmente. Denuncies (crimes). 9—Trampolinice. Juntei. 10—Decametro quadrado. Cantiga. Artigo definido. 11—Retardados.

VERTICAIS: 1—Verdadeiro. Ficar. 2—Vias. Definhe-se. 3—Procedia. Também. 4—Batráquio. Levanta ancora. 5—O tesouro publico. Transmitti gratuitamente a outrem. 6—Arvore que produz castanhas. 7—Cozo directamente sobre o fogo. Abris sulcos em. 8—Remove a terra com enxada. Preposição e artigo (pl.). 9—Ainda. Nome de mulher. 10—Transmittida gratuitamente a outrem. Poeta entre os gregos. 11—Destroços. Tino.

Almôço de oficiais do curso de 1891

Na «mess» dos Officiais, em Santa Clara, realizou-se hoje a reunião do curso de infantaria, que saiu da Escola do Exército em 1891 e que era então constituído por 75 alunos. A reunião assistiram apenas dez.

Presidiu o sr. general Estevão Aguas, que endereçou efusivas saudações aos seus companheiros, srs. generais Lacerda Machado, Alexandre Malheiro e Pinheiro Machado; coroneis Pimenta de Castro, Silva Pereira, Julio Laje, Luiz Patato e Aurelio da Silva Monteiro e capitão Castanheira.

Menor afogado

TAVIRA, 28.—Próximo desta cidade, na Ribeira do Almargem, apareceu o cadáver de um menor, que aparenta 6 a 7 anos e cuja identidade se ignora. Supõe-se que o corpo tenha sido trazido, de longe, pelas águas, que levam grande corrente. As autoridades investigam.

C. T. A.

Companhia de Transportes Aéreos

Recebe desde já inscrições para o transporte de passageiros e mercadorias entre Lisboa e Pôrto e vice-versa a começar no dia 3 de Dezembro de 1945.

Prestam-se informações no Serviço de Tráfego da Companhia.

EM LISBOA:

Avenida da Liberdade, N.º 72-A

Telefone N.º 29341

NO PÔRTO:

Rua Sá da Bandeira, N.º 84

Tefone 7900

A PRESTAÇÕES

DE 6, 12, 18 e 24 MESES

RELOGIOS

PATECK — OMEGA — INTERNATIONAL
LONGINES — ZENITH

JOIAS

DE GOSTO MODERNO

EXPOSIÇÃO E VENDA

Escritório dos Irmãos Cardoso, F.ºs

RUA DA VITÓRIA, 73, 1.º

esq. da Rua do Ouro

NOTÍCIAS DE VISEU

VISEU, 27.—O sr. Luciano Dias de Sousa, procurador do proprietário da praça de touros, ausente no Brasil, foi intimado pela Câmara Municipal de Viseu para, no prazo de 120 dias, efectuar a demolição da referida praça, visto terem decorrido três anos, que constituam o contrato do arrendamento de terreno onde o mesmo edificio está instalado.

—Recolheu ao hospital, onde faleceu horas depois, o moço de freies José Duarte, solteiro, de 19 anos, natural de Marzeveles, por ter sido mordido no pescoço por um bicho venenoso.

Faz-se publico que tendo o signatário conferido a sua mulher Margot Seco de Topete, moradora na Rua Rodrigues de Sampaio, n.º 76, em Lisboa, uma procuração outorgada em 30 de Dezembro de 1936 nas notas do notário de Cascais, arquivada no dia 5 de Maio de 1938, no cartório do mesmo notário, foi a mesma revogada, tendo sido a referida mandatária notificada no dia de hoje a não fazer mais uso dela.

Lisboa, 27 de Novembro de 1945.

ANGEL TOPETE

(Segue o reconhecimento)

CALÇADO BOM, é o que se vende com **GARANTIA** de normal duração.

E essa **GARANTIA**, dá todo o comerciante honesto, sem favor, visto que a obtem dos seus fornecedores.

E assim, se pode comprar com confiança, nas sapatarias da

Calçada do Combro

O «Diário de Lisboa» vende-se em Pampilhosa do Botão na casa de António Duarte.

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLÍCIA

CRIMINOSO A MONTE—A Polícia procura António Teixeira, o «Mouço», de 36 anos, de Obidos, que, nas Caldas da Rainha, foi julgado a revelia e condenado em 28 anos por crime de morte, andando agora a monte.

CHEQUE FALSIFICADO—Manuel de Jesus Correia, morador na rua Palmira, 47, apresentou queixa contra um indivíduo que falsificou a sua assinatura num cheque no valor de 4.500\$00, que recebeu numa casa bancária.

PROEZAS DE GATUNOS—Queixou-se à P. S. P. Armando Inácio Frazão, morador na calçada do Tojal, 27, de que os gatunos entraram na sua residência, por meio de chave falsa, furtando-lhe diversas roupas e um fio de ouro com duas medalhas do mesmo metal, tudo no valor de quatro mil escudos.

DESASTRES

QUEDA DUM ANDAIME—O pedreiro Domingos Chaves, de 65 anos, residente na rua dos Sete Moínhos, 84, caiu dum andaime onde estava a trabalhar no Banco Nacional Ultramarino.

COLHIDO POR UM AUTOMÓVEL—Alberto Nogueira Reis, de 10 anos, residente no largo da Laranjeira em Almada foi colhido por um automóvel perto da sua residência, ficando com uma perna fracturada. Foi conduzido ao hospital de S. José, onde ficou.

NOVO ESTABELECIMENTO

Inaugura-se amanhã, às 17 horas, o café-restaurant Gloria, rua da Gloria, 39.

O crime da rua da Beneficência

Foi posta em liberdade a mulher que acompanhava a vítima do crime da rua da Beneficência, mas continua presa a do criminoso, por parecer que foi ela quem passou para a sua mão a arma homicida.

A Polícia procura um garoto que presenciou o crime e tudo o que antes se passou na taberna da rua da Beneficência.

CHEGOU PETRÓLEO

Procedente de Aruba, chegou hoje a Lisboa o navio espanhol «Campero», com 3.580 toneladas de petróleo refinado para Portugal.

Sparklets
(REGD. TRADE MARK)

Sifão recarregável

ESTA PRÓXIMO O DIA EM QUE OS SIFÕES SPARKLETS E SUAS CARGAS VOLTARÃO A SER UTILIZADOS E ENTÃO PODERÁ V. EX. FAZER A SUA SODA OU AGUA GASOSA EM POUCOS MOMENTOS

SPARKLETS LIMITED

LONDON N.º 18

Também fabricantes do Ressuscitador Sparklets. Aparelho de Neve CO2 e Espargidor Dental



HYGIENIC CONVENIENT ECONOMICAL

Distribuidores: Jayme Alves Barata, Ld.ª Rua Aurea, 124, 1.ª—LISBOA

SEMPRE

que lhe surja qualquer dificuldade de ordem técnica, tanto em Rádio como em Electricidade,

SEMPRE

que necessite adquirir material eléctrico de qualquer espécie, dirija-se a

ELECTRO-LISBOA, L. DA

Será atendido por pessoal devidamente habilitado, que lhe dará todas as indicações.

Cabos, fios de todos os tipos, lâmpadas de todas as voltagens, etc., etc.

Revendedores gerais da

LAMPADA LUMIAR

Descontos a revendedores

Rua Augusta, 246, 248—Tel. 20568

A terceira guerra á vista

(Continuação da 1.ª pag)

ca trouxe para a vitória da Entente o peso decisivo da sua contribuição, as armas e as munições, o dinheiro e os navios, os abastecimentos e os soldados. Poucos meses depois de terem desembarcado no continente os americanos sabiam que tinha sido assinado o armistício em Rethondes.

Duas intervenções malogradas

Em 1941, nos últimos dias dum ano em que, no dizer do general Jodl, o Reich hitleriano teve a vitória ao alcance da sua mão poderosa, os Estados Unidos viram-se, pela segunda vez, envolvidos na guerra. A situação dos Aliados não diferia sensivelmente daquela que a Entente conhecera um quarto de século antes. O Estado Maior alemão realizava a tarefa essencial de expulsar os ingleses do continente, resultado que nem Napoleão, nem Guilherme II tinham podido alcançar. Os exercitos russos batiam em retirada perante o avanço fulminante da Wehrmacht e o governo soviético abandonava o Kremlin. A Europa ocupada alimentava a máquina de guerra alemã e os governos colaboracionistas reprimiam, com uma severidade sintomática, a onda da insubmissão popular. A palavra de ordem nazi tornara-se já a única regra de conduta válida no domínio das relações internacionais quando o grito de guerra do militarismo nipónico veio avolumar a sua ressonância em todos os cantos do mundo.

Pela segunda vez, a intervenção americana antecipada pela Lei do Empréstimo e Arrendamento surgiu para decidir do conflito. O caminho a percorrer pelos soldados americanos foi mais longo e mais árduo. Mas um ano depois de Pearl Harbor, esse caminho conduzia de novo à vitória pelo desvio dum desembarque providencial no Norte de Africa. Estas razões justificadas de orgulho nacional engendraram nos dois casos uma hipertrofia do sentimento americano, misto de riqueza acumulada e de desconfiança sistemática, que se tornou um factor capital para se frustrarem as esperanças que a humanidade depositava na realização duma paz estável e duradoura.

A vinte e cinco anos de distancia a voz do embaixador Hurley surge, assim, apesar dos ensinamentos colhidos como uma tradução actualizada do isolacionismo total de Lodge e de

Borah, impiedosos na critica do idealismo wilsoniano, impotentes para apresentarem qualquer solução construtiva das dificuldades que o seu país precisava de enfrentar e vencer.

No limiar da era atômica

O grito de protesto do senador Hurley pode ser o prólogo de decisões da maior transcendência para o futuro do mundo, quando se considera o atraso da política americana, e da sua diplomacia, em relação aos progressos da técnica e à pressão crescente dos interesses económicos e da agitação social. Os Estados Unidos não evoluíram nos moldes clássicos em que se fez a grandeza e se consagrou o primado espiritual da Europa, do município à unidade monárquica, do serviço militar à religião da cidade. O seu povo considerou sempre que, nada de essencial devendo à política, tinha toda a vantagem em a desdenhar, aceitando como uma realidade bem-fazeja a supremacia dos factores económico-sociais e dando-lhes a interpretação duma aristocracia activa a contrastar com as tradições permanentes que continuavam a modelar a vida do nosso continente.

Essa razão fundamental impediu até agora que a intervenção dos Estados Unidos para a realização da paz se revestisse do carácter decisivo que para a solução da guerra representou a presença dos seus soldados e dos seus recursos nos campos de batalha. André Siegfried antecipou o momento dramático que estamos atravessando ao perguntar, na sua obra capital sobre os Estados Unidos, «se o povo americano no dia em que fôsse chamado a assumir plenamente as suas responsabilidades, se não recusaria a fazê-lo repudiando o papel de guia e de garante indispensável à criação duma nova ordem no mundo».

A declaração sensacional do embaixador Hurley não faz senão confirmar esse receio justificado. Reconhecendo o malogro da intervenção do seu país nas tentativas feitas para construir a paz sobre os escombros de duas conflagrações temerosas, o embaixador Hurley limita-se a anunciar para breve, a terceira. O que não é de molde a tranquilizar-nos no limiar da era atômica em que os homens de ciência norte-americanos nos lançaram, sem atentarem na lentidão de movimentos dos seus chefes políticos.

C. F.

VIDA MUSICAL

Sociedade Nacional de Musica de Camara

No próximo sábado inicia a Sociedade Nacional de Musica de Camara, no salão do Sindicato Nacional dos Musicos, a sua 27.ª temporada de concertos, com um recital de violoncelo pela professora D. Isaura Pavia de Magalhães, com a colaboração da pianista D. Branca Belo de Carvalho e dum quarteto de corda. O programa inclui obras de Boccherini, Fauré e Beethoven.

2.º recital Beethoven

E' hoje, pelas 21 e 45, que se realiza, no salão do Sindicato Nacional dos Musicos, o 2.º recital Beethoven, com sonatas para violino e piano, interpretadas por Antonino David e Francisco Laires.

PROPAGANDA COMERCIAL

de matérias plásticas

Estão em Lisboa dois peritos em matérias plásticas da Imperial Chemical Industries, os srs. A. Renfrew e A. F. Thomson, que trouxeram consigo um filme colorido em que são apresentadas as várias fases da fabricação de alguns dos mais recentes produtos e, também, algumas amostras das aplicações possíveis que os mesmos têm. Esse filme será passado amanhã, às 17 horas, no salão privativo da embaixada britânica.

CARREIRAS AÉREAS

Chegou de Lagos (Nigéria), acompanhado de sua esposa, num avião da «British Overseas Airways Corporation», e seguiu para Londres, «sir» Graham Cunningham, do Ministério Britânico de Abastecimentos.

No próximo domingo, às 11 e 30, são inaugurados no aeroporto da Portela de Sacavém o hangar e os escritórios da Companhia Transportes Aéreos, depois do que se realizará um voo, com as entidades oficiais, ao Porto, onde, no aeródromo das Pedras Rubras, se fará também a inauguração dos respectivos serviços.

Artes Decorativas
EXPOSIÇÃO PERMANENTE
COJA-CAVE-LEANDRA

Câmaras municipais

CALDAS DA RAINHA, 28.—Pela eleição aqui realizada, ficou assim constituída a comissão executiva da camara municipal deste concelho: capitão João Vitorino Soares de Avelar, João Montês, Bernardo Alvaro da Costa, Jaime Ferreira Neto, Manuel de Carvalho Pontes e Eurico Bonifácio da Silva.

ALENQUER, 28.—O conselho municipal elegu para vereadores da camara deste concelho, para o quadriénio de 1946-49, os srs. eng. Francisco Vãs Monteiro Gois do Bocage, eng. Julio Costa de Oliveira Grilo, Leocádio Lopes de Carvalho e Sebastião Rangel dos Reis como efectivos; e António Correia da Costa Paulo, Duarte Costa de Oliveira, Ernestino Ferreira Calçada e Francisco Tomás Trem, substitutos.



TORRE EIFFEL

Gabardines

impermeáveis, as melhores qualidades, preços sem competição.

Rua do Carmo, 104-106

Estalagem dos CAPOTES BRANCOS

Amanhã, quinta-feira, Dobrada á Capotes Brancos.

Sexta-feira, Bacalhau á Capotes Brancos. R. do Diário de Notícias, 153 (Frente ao Elevador da Glória).

VIDA DESPORTIVA

FUTEBOL

Arbitros para a próxima jornada

O desafio Belenenses-Atlético, que se disputa no sábado, nas Salésias, pelas 15 horas, será arbitrado por Mário Ribeiro Sanches. No domingo, dirigem os encontros Estoril-Sporting e Cuf-Benfica, respectivamente, os srs. António José dos Santos e Manuel da Silva.

Para os jogos da segunda divisão foram indicados os seguintes árbitros: Casa Pia-Marvilense, Carlos Canuto; Olivais-Sacavenense, Carlos Ferreira da Cunha; Operário-F. Benfica, António Serrano; Chelas-Fósforos, Abel Ferreira.

Nunes, do Estoril, suspenso por dois jogos

O médio-centro do Estoril Praia, António Nunes, por causa de incidentes ocorridos no desafio Estoril-Cuf, sofreu a suspensão de dois encontros. Não tendo, porém, alinhado nos dois últimos desafios, já poderá jogar no próximo domingo.

Outros castigos

A Direcção Geral dos Desportos, na sua reunião de ontem à noite, aplicou as seguintes suspensões: Leopoldo Florência, do Estoril, dois jogos; Joaquim Figueiredo, do Estoril, três jogos; José da Silva Junior, do Fósforos, 1 jogo; Carlos Baptista, do Operário, 1 jogo; Francisco Antunes, do Cascais, 2 jogos; Octávio e José da Silva, ambos do Belenenses, 3 jogos.

Campeonato distrital de juniores

A A. F. L. marcou para 16 de dezembro o começo do campeonato distrital de juniores.

Protesto improcedente

O protesto apresentado pelo Vitória Club de Lisboa, a propósito do seu desafio com o Desportivo dos Olivais, com o resultado de 2-2, foi julgado improcedente pelo conselho técnico da A. F. L.

Homenagem aos jogadores belenenses

O Clube de Futebol os Belenenses informa que termina amanhã a inscrição para o almoço de homenagem aos seus jogadores de futebol, que se realiza no próximo domingo, no Estoril.

BASKETBALL

O Atletico venceu o Benfica

O campo da Boavista registou ontem uma boa enchente. Um dos jogos da terceira jornada, Atlético-Benfica, prometia ser energeticamente disputado e assim aconteceu. Os dois grupos bateram-se bem pelo resultado, que foi favorável ao Atlético: na primeira parte por 18-16 e no fim do jogo por 47-42.

A vitória do Atlético, pela diferença de 5 pontos, está plenamente justificada pelo seu trabalho mais bem ordenado em qualquer dos tempos de jogo.

Antes deste desafio, jogaram as «equipes» do Grupo Desportivo da «Cuf» e do Rio Seco, com vitória do primeiro por 48-19 (18-5 ao intervalo). O resultado, por si só, demonstra bem a superioridade evidente dos cufistas.

VARIAS NOTÍCIAS

A secção de «hand-ball» do Marvilense F. C. promove no sábado a sua festa anual, cuja receita se destina a custear as despesas daquela secção.

Promovido pelo G. D. da Casa Vaultier, começa no dia 3 a disputar-se um torneio de ténis de mesa, a que concorrem, além de duas «equipes» pela colectividade organizadora, os representantes da Shell, Atlantic e Vacuum.

Para fugir ao comboio uma mulher caiu de uma altura de 18 metros e morreu

COVILHÃ, 28.—Maria da Conceição Gira, casada, de 52 anos, quando passava na ponte denominada de Anaquim, onde passa a via ferrea, transportando á cabeça um cesto com roupa, ao pressentir o comboio correio, que se aproximava, pretendeu ainda retirar-se da linha, mas fê-lo com tanta infelicidade que se afastou excessivamente para o bordo da ponte e caiu de uma altura de 18 metros, tendo morte instantanea.

STOP

Por **8\$00** Semanais

dunhill

O acendedor de maior reputação

VENDE A PRONTO E A PRESTAÇÕES

Nova Lus

110.R.S.NICOLAU, 112 ★
TELEF. 26493 ★ LISBOA

PARA A PROVINCIA SO A PRONTO PAGAMENTO

COMIA-SE CARNE HUMANA

no campo de Dachau

segundo o depoimento de testemunhas

DACHAU, 28.—Internados do campo de concentração de Dachau, esfo-meados, cortaram carne de 18 cadáveres de russos e comeram-na, segundo declarou Josef Seuss Rea, um dos 40 funcionários nazis do campo, que estão a ser julgados pelo tribunal militar americano.

A sua declaração foi lida pelo acusador ao tratar dos casos de canibalismo, devido «à má alimentação e à fome», que os internados passavam.

Outro acusado, Josef Jarolin, confessou ter flagelado prisioneiros. Disse que, nalguns dias, mais de 150 pessoas eram fuziladas. Eram todas despidas antes de serem mortas. Ele próprio deu a ordem de fazer fogo ao pelotão executor em 700 casos e disse que 90 por cento do pessoal de Dachau tomara parte nessas execuções.

Alfred Kramer, que levou 4.000 prisioneiros judeus de Varsóvia para Dachau, disse numa declaração sobre o campo de Kaufering, próximo de Munich e anexo ao de Dachau: «Para falar a verdade, não gosto muito de judeus, e isso originou muitos castigos incluindo torturas, espancamentos, fomes e prisões. Isso, sem dúvida, levou a muitas mortes.

Os prisioneiros eram igualmente forçados a presenciar as execuções. Um professor de 74 anos, que trabalhava nas descobertas da malária, o dr. Klaus Karl Schilling, confessou ter inoculado entre 900 e 1.000 prisioneiros «principalmente para a sua protecção». O dr. Schilling disse que estudava as doenças tropicais há 45 anos, afirmando que, em 3 anos, só 49 prisioneiros morreram em virtude da malária que ele lhes inoculava. A acusação pensa que as experiências do dr. Schilling causaram entre 1.000 a 3.000 mortes.—(R.).

As eleições na Austria

significam a política anterior à anexação

LONDRES, 28.—As últimas notícias dos representantes oficiais britânicos na Austria dizem que a eleição geral do domingo passado foi dirigida de maneira absolutamente leal e democrática.

Foi muito grande a concorrência às urnas. Não há motivos para crer que os regulamentos eleitorais tenham sido desrespeitados por aqueles que se encontram libertados dos nazis. O voto é considerado nesta cidade como seguindo quasi a orientação da política austriaca anterior ao Anschluss. Se o resultado da eleição provocará uma modificação no estatuto diplomático da Austria não está ainda certo. A Grã-Bretanha está já representada em Viena, mas, até agora, nenhum representante austriaco chegou a Londres, se bem que seja esperado em breve. Não se decidiu ainda se terá o posto de ministro, tal como o conde Nicola Carandini, representante diplomático italiano.

Outro ponto resultante das eleições é o que afecta as guarnições de ocupação e as zonas de demarcação. Isso constituirá o assunto de conferências entre as potências ocupantes.—(R.).

O novo governo

VIENA, 28.—O governo pode resolver pedir hoje a demissão para entregar o poder ao Partido Popular vitorioso nas eleições.

Os resultados finais dão ao Partido Popular 85 lugares, aos socialistas 76 e aos comunistas 4.

Leopold Figl, chefe do Partido Popular, que deve presidir ao novo governo, é engenheiro agrônomo e passou os últimos seis anos nos campos de concentração de Dachau e de Mauthausen.—(R.).

Na Pérsia

os rebeldes ocuparam outra cidade

TEHERÃO, 28.—A cidade ferroviária de Zenjan, sobre a principal linha entre Teherão e Tabriz, foi completamente ocupada pelos insurrectos de Azerbaidjan, que marcham agora sobre Kazvin, centro importante a 130 quilómetros a noroeste de Teherão e à mesma distancia de Zinjan. Os insurrectos ocuparam Takistan, a 15 quilómetros a sudoeste de Kasvin e o porto do Mar Cáspio de Astara, na fronteira russa.

Não se julga em Teherão que marchem sobre a capital em virtude da presença de tropas persas e de tanques em Sharifabad, entre Kasvin e Teherão.

Um novo contingente de tropas chegou a Teherão, vindo de Shirez, 700 quilómetros ao sul da capital.

Ebrahim Hakimi, Primeiro ministro da Pérsia, encontrou-se ontem com o encarregado de Negócios da Rússia, Jabukov. Nada se revelou da reunião, mas, nalguns círculos governamentais, crê-se que só conversações directas entre os governos persa e soviético podem levar a resultados concretos.—(R.).

A oposição búlgara

pede um inquérito às últimas eleições

SOFIA, 28.—O inquérito aos resultados das eleições bulgaras realizadas em 18 de novembro e às condições em que se efectuaram foi pedido pela oposição numa declaração publicada ontem.

A comissão central semi-oficial para observar as eleições publicou ontem uma informação dizendo que elas tinham sido livres e ordeiras em todo o país e que 86 por cento dos eleitores nelas tinham tomado parte.

A oposição afirma que a comissão não faz mais do que aceitar as declarações oficiais e que só 40 por cento dos eleitores votaram pelo governo. Afirma mesmo que houve casos em que havia instruções para elaborar a lista negra dos que não votavam, e, em certas reuniões eleitorais, se proferiram ameaças de que, um dia depois das eleições, os não votantes seriam castigados e que «haveria cabeças cortadas».

Os observadores mais independentes em Sofia concordam em que não há quaisquer provas de irregularidades nas eleições.—(R.).

A crise italiana

ROMA, 28.—O príncipe regente, depois de ontem à noite ter recebido e conferenciado demoradamente com os chefes dos partidos da direita, recebeu esta manhã os chefes dos partidos da esquerda, numa última tentativa para nomear a personalidade que há-de constituir o novo governo italiano.—(United Press).

100 SUBMARINOS ALEMÃES

vão ser afundados no meio do Atlântico

LONDRES, 28.—Cerca de 100 submarinos alemães vão ser brevemente afundados no Atlântico. Depois do desastre alemão de Scapa Flow, no fim da 1.ª guerra mundial, será este o maior «afundamento em massa» até hoje registado.

O numero de submarinos sujeitos a este destino é tão avultado que o seu afundamento constituirá uma operação que não poderá ser levada a cabo num só dia.

Depois deste afundamento, apenas ficarão 18 submarinos alemães. A Grã-Bretanha, a Rússia e a França ficarão com seis submarinos cada, para fins experimentais. Cada país reterá, pelo menos, dois submarinos do «Tipo 21», último modelo alemão, que entraram ao serviço pouco tempo antes de terminar a guerra.

Os navios de guerra de superfície alemães, reunidos em Wilhelmshaven, serão distribuídos equitativamente entre as Nações Unidas.

O mais importante destas unidades de guerra é o «Prinz Eugen», cruzador de 17.000 toneladas, que poderá vir a ser motivo de discórdia, mas existe a possibilidade de vir a pertencer aos Estados Unidos, para experiências da bomba atómica. O navio irmão do «Prince Eugen» é o «Hipper», que foi seriamente atingido por bombas e será afundado.

A Rússia poderá possivelmente ficar com o «Nuremberg», cruzador de 6.000 toneladas, possuindo canhões de seis polegadas e que foi construído, a princípio, para flutuar no Báltico. A Noruega ficará possivelmente com um navio-depósito e ainda, pelo menos com dois «destroyers». A Holanda ficará com uns poucos de «destroyers» e, provavelmente, com um navio de abastecimentos aos submarinos para ser usado nas Índias Orientais Holandesas. A França ficará provavelmente com «destroyers» e caça-minas.

A Marinha Real terá uma pequena quota e provavelmente ficará confinada a navios com categoria igual ou inferior aos «destroyers».—(U. P.).

Ofereça como brinde um objecto útil

Lindos artigos de escritório para todos os preços, na

Papelaria Vasconcelos—R. da Prata, 270

Uma seita inglesa

que vai venerar um busto de Hitler

LONDRES, 28.—A existência duma organização chamada «Legião de Reformadores Cristãos», que considera Hitler como um «instrumento divino para destruir o poder do sistema Mamon», foi revelada pela venda do busto de Hitler no leilão de ontem, em Londres, do recheio da antiga embaixada alemã. O secretário desse grupo, J. L. Battersby, antigo dirigente da União Britânica fascista, que esteve preso durante a guerra, ao abrigo da lei da defesa nacional, declarou aos jornalistas nesse leilão:

«Hitler é o salvador do Mundo no sentido de ter destruído o sistema que trouxe a miséria, a guerra e a peste para milhões de pessoas. Hitler deu-nos, na sua herança, a oportunidade que nós nunca tivemos anteriormente de construir o Reino de Deus no Mundo».

Battersby declarou que a pessoa que adquiriu o busto de Hitler por 500 libras, o antigo capitão Gordon Canning, que também esteve preso, vai oferecer o busto para a sede da Legião, onde ficará «como objecto de veneração». Anteriormente, o capitão Canning declarou que não sabia o que havia de fazer do busto. Battersby proclamou ter sido um «aviso divino» que trouxera o comprador ao leilão e acrescentou: «Nós honraremos o busto de Hitler, porque Hitler veio ao Mundo para guiar toda a humanidade. Nós temos uma missão».—(R.).

O filho de Amery foi condenado à morte

LONDRES, 28.—John Amery, de 33 anos, filho do antigo secretário de Estado para a Índia, foi hoje condenado à morte por ter sido locutor da rádio alemã e de se ter envolvido em outras actividades políticas que auxiliaram os alemães durante a guerra.—(R.).

Os indonésios

pediram

condições de paz

BATAVIA, 28.—O governador indonésio da zona ocidental da ilha de Java apresentou-se no Q. G. da 37.ª brigada britânica, em Bandoeng, com uma bandeira branca e pediu a cessação das hostilidades. O comunicado de hoje desse Q. G. diz que o enviado indonésio foi informado dos termos que os Aliados impõem, mas não estava autorizado a aceitá-los ou a apresentar novas propostas. Os termos dos Aliados exigem que os indonésios evacuem toda a zona de residências ao norte duma linha de leste para oeste até ao meio dia de quinta-feira e que os civis indonésios se não aproximem a menos de 200 metros de qualquer posto britânico ou japonês.—(R.).

Emissoras atacadas pela R. A. F.

BATAVIA, 28.—Bombardeiros da R. A. F. voltaram esta manhã a atacar três emissoras por onde os indonésios continuam a incitar as populações de Java a erguer-se contra as forças militares britânicas e holandesas. As autoridades britânicas resolveram que os ataques às referidas emissoras prosigam até que sejam reduzidas ao silêncio.—(U. P.).

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

PELES
DAVID KIT

O maior e o mais fino sortido em CASACOS DE VISON, CASTOR, ASTRAKAN, NUTRIA, WHITE-FACE, ESTOLAS, etc... Os modelos mais finos vindos da AMERICA.

AVENIDA CONDE DE VALBOM, 18, 1.º
LISBOA—Telefone 4 8089